

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**DANIEL MURARO**

**CADEIA DE VALOR DA FLORICULTURA NO PARANÁ: SUBSÍDIOS PARA  
O DESENVOLVIMENTO.**

**CURITIBA**

**2016**

**DANIEL MURARO**

**CADEIA DE VALOR DA FLORICULTURA NO PARANÁ: SUBSÍDIOS PARA  
O DESENVOLVIMENTO.**

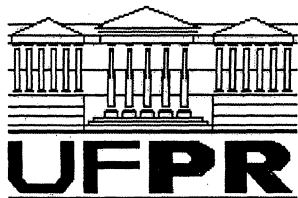
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agronomia, Área de Concentração em Produção Vegetal, Departamento de Fitotecnia e Fitossanitarismo, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Agronomia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel R. B. Negrelle

Co-orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Francine Lorena Cuquel

**Curitiba**

**2016**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
AGRONOMIA - PRODUÇÃO VEGETAL

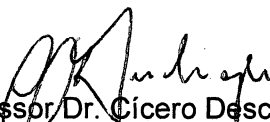


## PARECER

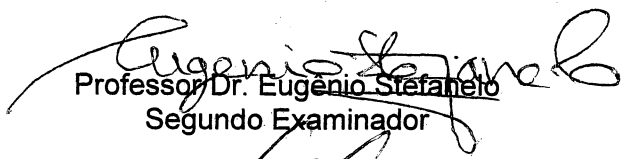
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Agronomia - Produção Vegetal, reuniram-se para realizar a argüição da Tese de DOUTORADO, apresentada pelo candidato **DANIEL MURARO**, sob o título "**CADEIA DE VALOR DA FLORICULTURA NO PARANÁ: SUBSÍDIOS PARA O DESENVOLVIMENTO**", para obtenção do grau de Doutor em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Agronomia - Produção Vegetal do Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná.


Após haver analisado o referido trabalho e argüido o candidato são de parecer pela "**APROVAÇÃO**" da Tese.


Curitiba, 23 de Fevereiro de 2016.

  
Professor Dr. Cícero Deschamps  
Coordenador do Programa

  
Professor Dr. Antonio Hélio Junqueira  
Primeiro Examinador

  
Professor Dr. Eugenio Stefanello  
Segundo Examinador

  
Dra. Erica Costa Mielke  
Terceira Examinadora

  
Professor Dr. Adilson Anacleto  
Quarto Examinador

  
Professora Dra. Raquel Rejane Bonato Negrelle  
Presidente da Banca e Orientadora

O céu vermelho no final da tarde  
Poente mais um dia  
Que alegria  
Poder estar aqui com vocês  
E ter sonhado e ter vivido  
A magia  
Do caminho trilhado  
E ter vencido.  
Com vocês  
Ao meu lado  
A todos que me acompanharam nesta jornada  
Dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

### **AGRADECIMENTOS**

Ao grande mestre do universo

Aos meus pais, por estarem sempre ao meu lado me apoiando incondicionalmente.

Ao Programa de Pós-graduação em Agronomia Produção Vegetal da UFPR pela oportunidade

À professora Dr<sup>a</sup> Raquel R.B. Negrelle, pela orientação, paciência e confiança a mim dispensadas. Por ter me ensinado a buscar sempre o melhor, minha eterna gratidão.

Ao professor Dr. Adilson Anacleto da UNESPAR, pela amizade, Coorientação, e dedicação.

À professora Dr<sup>a</sup> Francine Lorena Cuquel, pela amizade, Coorientação e dedicação.

À Lucimara Antunes, secretária do pós-graduação em Agronomia Produção Vegetal, pelo pronto atendimento dispensado.

Aos membros da banca Professor Dr. Eugênio Stefanello, Professor Dr. Antonio Helio Junqueira e Dr<sup>a</sup> Erica Mielke, pelo apoio e contribuições a este estudo.

Aos produtores, paisagistas, comerciantes e representantes das instituições públicas, que gentilmente me receberam e prontamente concederam entrevistas, sem os quais não haveria possibilidade de realização deste trabalho.

Ao Sr. Paulo Andrade Engenheiro Agrônomo do departamento de Economia Rural da SEAB-PR, pelo acesso aos dados sobre valor bruto da produção da floricultura no Paraná.

A FAE Centro universitário, pelo apoio e incentivo.

A todos os meus amigos professores da FAE, pelo apoio no desenvolvimento deste trabalho.

## RESUMO

Apresentam-se resultados de pesquisa sobre a cadeia de valor da floricultura no Paraná, segmento que cresceu significativamente no Brasil e gera emprego e renda em pequenas propriedades, sendo uma boa alternativa para a agricultura familiar e para diversificação produtiva rural. No Estado do Paraná o setor produtivo da floricultura ainda apresenta-se em desenvolvimento, apesar das condições edafoclimáticas favoráveis, significativa demanda e elevado consumo per capita frente a outras regiões do Brasil. O presente estudo foi realizado com base em dados levantados através de revisão bibliográfica, observação direta em unidades produtivas e pesquisa exploratório descritiva junto aos produtores, comerciantes, paisagistas e representante de instituições públicas envolvidas com o setor. Buscou analisar quais os fatores interferem no desenvolvimento da floricultura e de que forma ocorre tal influência, objetivando gerar dados que possam subsidiar ações para desenvolvimento do setor produtivo da floricultura no Paraná. Os resultados são apresentados sequencialmente em cinco capítulos, revelando a existência de vários fatores interferindo no desenvolvimento do polo produtivo paranaense, sendo que, a dificuldade de articulação dos produtores, é o principal fator que influencia o desenvolvimento. Ao final apresentam-se recomendações, que podem contribuir com o desenvolvimento da floricultura no Estado do Paraná.

Palavras chave: Plantas ornamentais. Flores. Governança. Políticas públicas. Gestão da produção. Gestão comercial. Paisagismo. Polo de desenvolvimento. Associativismo.

## ABSTRACT

It is presented results of a research about the floriculture value chain in Paraná, Brazil segment that has grown significantly in Brazil and generates jobs and income for small farms, being a good alternative for family farming and rural productive diversification. In Paraná the floriculture productive sector is still in development, despite the favorable soil and weather conditions, significant demand and high consumption *per capita* compared to other regions of Brazil. This study was based on data collected using literature review, direct observation in production places and descriptive exploratory survey with producers, traders, landscapers and representative of public institutions involved in the sector. It was sought to analyze what factors influence in the floriculture development and how such influence happens, in order to generate data that can support actions for the development of the productive floriculture sector in Paraná. The results are presented sequentially in five chapters, revealing the existence of several factors that interfere in the development of a productive pole in Paraná, being the difficulty of articulating of the producers the main factor that influences the development. At the end it is presented recommendations that can contribute to the development of floriculture in Paraná.

Key words: Ornamental plants. Flowers. Governance. Public policy. Production management. Marketing management. Landscaping. Development pole. Associations.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL.....	15
CAPÍTULO 1. PLANTAS ORNAMENTAIS NO PARANÁ; SUBSÍDIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO SETOR PRODUTIVO.....	
RESUMO.....	20
ABSTRACT.....	21
1.1 INTRODUÇÃO.....	22
1.2 MATERIAL E MÉTODOS.....	23
1.3 RESULTADOS.....	24
1.4 DISCUSSÃO.....	30
1.5 CONSIDERAÇÕES.....	32
1.6 REFÊNCIAS.....	33
CAPÍTULO 2. FATORES ASSOCIADOS AO DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE DE POLOS PRODUTIVOS DA FLORICULTURA NO BRASIL.....	
RESUMO.....	36
ABSTRACT.....	37
2.1 INTRODUÇÃO.....	38
2.2 MATEIRAL E MÉTODOS.....	39
2.3 RESULTADOS.....	43
2.4 DISCUSSÃO.....	46
2.5 CONSIDERAÇÕES.....	48
2.6 REFERÊNCIAS.....	48
CAPÍTULO 3. GESTÃO DA COMERCIALIZAÇÃO: IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DA CADEIA DE VALOR DE PLANTAS ORNAMENTAIS.....	
RESUMO.....	51
ABSTRACT.....	52
3.1 INTRODUÇÃO.....	53
3.2 MATEIRAL E MÉTODOS.....	54
3.3 RESULTADOS.....	56
3.4 DISCUSSÃO.....	60
3.5 CONCLUSÃO.....	63
3.6 REFERENCIAS.....	64
CAPÍTULO 4. INFLUÊNCIA DO PAISAGISTA NO DESENVOLVIMENTO DA CADEIA DE VALOR DA FLORICULTURA NO PARANÁ.....	
RESUMO.....	67
ABSTRACT.....	68
4.1 INTRODUÇÃO.....	69
4.2 MATERIAL E MÉTODOS.....	70
4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	71
4.4 CONSIDERAÇÕES.....	75
4.5 REFERÊNCIAS.....	76



CAPÍTULO 5. INFLUÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS NO DESENVOLVIMENTO DA FLORICULTURA NO PARANÁ.....	79
RESUMO.....	79
ABSTRACT.....	80
5.1 INTRODUÇÃO.....	81
5.2 MATERIAL E MÉTODOS.....	83
5.3 RESULTADOS.....	84
5.4 DISCUSSÃO.....	86
5.5 CONSIDERAÇÕES.....	89
5.6 REFERÊNCIAS.....	89
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
7. RECOMENDAÇÕES.....	94
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXO 1 - Caracterização do perfil do produtor de ornamentais nas regiões de Curitiba e Litoral do Paraná.....	98
ANEXO 2 - Caracterização da propriedade utilizada para cultivo de ornamentais em diferentes localidades no Paraná.....	99
ANEXO 3 - principais espécies produzidas nas regiões de Curitiba e litora do Paraná.....	100

## LISTA DE TABELAS E FIGURAS

CAPÍTULO 1. PLANTAS ORNAMENTAIS NO PARANÁ; SUBSÍDIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO SETOR PRODUTIVO.....	20
Figura 1 – Divisão do Estado do Paraná em 22 núcleos regionais (Fonte: SEAB-PR, 2016).....	26
Tabela 1. Comparativo de produção da floricultura no Paraná (2004-2013) – dez principais espécies em valor bruto de produção (VBP) e respectivas regiões produtoras.....	27
Tabela 2. Evolução da floricultura no Paraná (2004-2013); variações entre número de espécies e municípios produtores.....	27
CAPÍTULO 2. FATORES ASSOCIADOS AO DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE DE POLOS PRODUTIVOS DA FLORICULTURA NO BRASIL.....	36
Figura 1 – Centrais de distribuição atacadista – Veilling Holambra (São Paulo) e CEASA (Curitiba) (Foto – Muraro, D., 10/2014).....	43
Tabela 1 – Nível de adequação de fatores relacionados a sustentabilidade do desenvolvimento de polos produtivos da floricultura no Brasil, sendo A = adequado; R = regular; I = insuficiente.....	44
Tabela 2 – Ações efetuadas no sentido de minimizar adversidades enfrentadas pelos produtores dos polos produtivos de floricultura de São Paulo e Paraná.....	45
CAPÍTULO 3. GESTÃO DA COMERCIALIZAÇÃO: IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DA CADEIA DE VALOR DE PLANTAS ORNAMENTAIS.....	51
Figura 1 – Depósito de plantas em comércio varejista de Curitiba (foto: Muraro, D. 04/2013).....	57
Figura 2 – Relações comerciais entre agentes da cadeia de valor de floricultura em Curitiba, PR (2014).....	58
CAPÍTULO 4. INFLUÊNCIA DO PAISAGISTA NO DESENVOLVIMENTO DA CADEIA DE VALOR DA FLORICULTURA NO PARANÁ.....	68
Figura 1 – Eventos para divulgação e comercialização de flores e plantas ornamentais (foto: Web, 2015).....	75
.....	77
CAPÍTULO 5. INFLUÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS NO DESENVOLVIMENTO DA FLORICULTURA NO PARANÁ.....	80
Tabela 1 – Instituições existentes no Estado do Paraná e respectiva área de atuação.....	85

## INTRODUÇÃO GERAL

A floricultura é um dos segmentos que mais se desenvolve no mundo. Apresenta expressivo crescimento e representa uma importante fonte de renda para países em desenvolvimento onde os recursos naturais, associados à existência de mão de obra e clima favorável, atraíram empresas globais deste setor, as quais fomentaram o desenvolvimento de polos produtivos, cuja produção se destina principalmente à exportação para grandes centros consumidores localizados na União Europeia, Estados Unidos da América e mais recentemente Ásia e Oriente Médio (NABSO, 2008; ROMERO: RASTREPO, 2011; HORTIWISE, 2012; LAWS, 2007).

No Brasil, a floricultura é um dos segmentos que mais se destacou no agronegócio, com crescimento anual em torno de 8% ao ano, com exportações crescentes e significativo aumento do consumo interno, movimentando cerca de R\$ 5,2 bilhões em 2013 (CERATTI *et al.*, 2007; JUNQUEIRA: PEETZ, 2008; 2014; CORRÊA: PAIVA, 2009).

Diferentemente de outros países em desenvolvimento, a floricultura no Brasil se desenvolveu voltada ao mercado interno. Teve seu início na década de 1950, a partir da migração de cultivo da fruticultura para a floricultura por agricultores holandeses e Japoneses da região Sudeste do Brasil, predominantemente no Estado de São Paulo (BRASIL, 2007; MITSUEDA *et al.*, 2011). O mercado interno absorvia cerca de 90% da produção que engloba uma área de cultivo próximo a 13.000 hectares, sendo a maior parte desta - cerca de 70%, cultivada com espécies destinadas à jardinagem e paisagismo (JUNQUEIRA: PEETZ, 2008).

Apresentando consumo per capita em torno de US\$ 12,00 ao ano (JUNQUEIRA: PEETZ, 2014), o mercado brasileiro da floricultura demonstra potencial de crescimento quando comparado a alguns países desenvolvidos, onde o consumo pode variar de US\$ 100 a 400 dólares ao ano (CORRÊA: PAIVA, 2009; ROMERO; RASTREPO, 2011).

O crescimento deste setor é estratégico para o país, pois pode gerar renda superior a R\$ 10.000 por hectare ao ano, possibilita a absorção da mão de obra local, dado que utiliza elevada quantidade de trabalhadores por área cultivada, bem como permite o uso de áreas

inadequadas para outros cultivos, podendo contribuir na viabilização da pequena propriedade rural e da agricultura familiar (BRASIL, 2007; CORREA; PAIVA, 2009, JUNIOR; FERRAZ, 2012).

A grande extensão territorial e as inúmeras variações edafoclimáticas existentes permitem a produção de quase todas as espécies ornamentais ao longo do ano (KYUNA *et al.*, 2004). Este fator pode favorecer a continuidade da oferta e o suprimento das demandas sazonais, tanto interna quanto para o mercado externo, fato que pode também favorecer as exportações (CERATTI *et al.*, 2007; MITSUEDA *et al.*, 2011), contribuindo para o superavit na balança comercial brasileira.

Apesar deste potencial para desenvolvimento da floricultura, esta não ocorre de forma expressiva na maioria dos estados brasileiros, apresentando crescentes concentração e consolidação, principalmente nos estados da região Sudeste, que detêm cerca de 74% da produção nacional (JUNQUEIRA: PEETZ, 2014). Desta forma, a maior parte do mercado da floricultura no Brasil é abastecido por plantas oriundas de poucos estados daquela região do país (JUNQUEIRA: PEETZ, 2014), enquanto que outras importantes regiões brasileiras, onde surgem novos polos floricultores, acabam com dificuldades de desenvolvimento, apesar da sua aptidão natural para este setor (BRASIL, 2007).

Mesmo com concentração da produção, e domínio do mercado pela região Sudeste, verificou-se nas últimas décadas, o aparecimento de novos polos produtivos em várias regiões brasileiras (JUNQUEIRA: PEETZ, 2014). Nestes polos mais recentes, ocorrem significativas variações com relação ao nível de desenvolvimento, existindo polos em franco crescimento, polos estagnados e polos em declínio (JUNQUEIRA: PEETZ, 2014).

Os motivos das variações no nível de desenvolvimento, ainda não são totalmente conhecidos. Vários autores citam: a falta de informações precisas; a necessidade de qualificação da gestão da produção e da gestão da comercialização; a inexistência de interação entre os diversos agentes do setor; a falta de capacidade de articulação dos diferentes elos desta cadeia e a ineficiência de seus mecanismos de coordenação como principais motivos do baixo desenvolvimento da floricultura em alguns estados (FURLANETO; CÂNDIDO, 2006;

CERATTI *et al.*, 2007; CORRÊA: PAIVA, 2009; OLIVEIRA *et al.*, 2011; IBRAFLOR, 2014).

Tais fatores podem de fato influenciar de diferentes maneiras o desenvolvimento da floricultura. No entanto, dado a carência de estudos sobre este setor no Brasil, (OLIVEIRA *et al.*, 2011), não se conhece a realidade dos polos produtivos, principalmente os de menor desenvolvimento. Esta falta de informações dificulta o entendimento de quais os fatores e de que forma estes influenciam no desenvolvimento de polos produtivos da floricultura, nas diferentes regiões brasileiras. O estudo da cadeia de valor da floricultura em polos produtivos ainda em desenvolvimento e sua análise comparativa, frente a outros polos produtivos mais desenvolvidos, poderá elucidar quais os fatores e de que forma estes interferem no seu desenvolvimento. Estas informações são fundamentais para subsidiar o planejamento de ações tanto públicas quanto privadas, visando o desenvolvimento deste importante setor do agronegócio brasileiro.

O Estado do Paraná apresenta demanda crescente por produtos da floricultura, ocupando o nono lugar em consumo per capita e sexto em valor de mercado no ranking nacional (SEBRAE, 2015). Possui características edafoclimáticas favoráveis à produção da floricultura e um setor produtivo que se iniciou aproximadamente há quatro décadas, contando atualmente com unidades produtivas em quase todas as regiões do Estado (SEAB-PR, 2014). Apesar de todas estas características favoráveis à produção neste Estado e do forte crescimento da floricultura brasileira na última década, o Paraná ainda não se consolidou como um polo produtivo de destaque nacional, quando comparado a outros estados brasileiros (SEAB-PR, 2013; JUNQUEIRA: PEETZ, 2014). Sua produção ainda é pouco significativa e seu mercado continua sendo abastecido em sua maior parte, por produtos oriundos de outros estados, principalmente da região Sudeste (JUNQUEIRA: PEETZ, 2014).

Assim como em outros estados brasileiros, a falta de informações sobre a cadeia de valor da floricultura do Paraná dificulta o entendimento de quais fatores interferem no seu desenvolvimento, uma vez que há condições favoráveis e demanda suficiente para sustentar um polo produtivo neste Estado. Desta forma, visando contribuir para o melhor entendimento deste setor, buscou-se elucidar quais fatores e de que forma estes influenciam seu

desenvolvimento, analisá-los comparativamente ao que sucede em outros estados brasileiros, bem como apresentar recomendações que possam subsidiar o planejamento de ações para desenvolvimento da floricultura.

Neste contexto, apresenta-se resultado do estudo da cadeia de valor da floricultura no Paraná, a qual se encontra ainda em desenvolvimento. Através de pesquisa exploratório descritiva, revisão bibliográfica a e documental, observação direta em unidades produtivas e unidades comerciais seguidas de entrevistas, realizadas nos anos de 2013 e 2014, levantaram-se informações sobre a cadeia de valor da floricultura no Paraná, englobando os agentes do setor produtivo, agentes do setor comercial, agentes do setor de serviços e instituições públicas cujo escopo de atuação abrange a floricultura. Os resultados deste estudo são apresentados em cinco capítulos.

O primeiro abrange o setor produtivo, revelando um diagnóstico sobre o perfil dos produtores, sistemas produtivos, relações comerciais e dinâmicas geral deste setor. Também foram abordados alguns fatores relacionados ao desenvolvimento deste setor.

O segundo capítulo promove uma análise comparativa entre as características da produção no Paraná, frente ao polo produtivo de São Paulo, considerado o mais desenvolvido do Brasil e apresenta os fatores decisivos para o desenvolvimento daquela região produtiva, o grau de ocorrência destes fatores no Paraná e sua influência no desenvolvimento do polo produtivo paranaense.

No terceiro capítulo, há uma abordagem sobre o setor comercial da floricultura no Paraná englobando atacadistas e varejistas. Apresentam-se dados sobre seu funcionamento, as relações destes agentes com os produtores e consumidores e demais agentes do setor.

O quarto capítulo aborda o setor de serviços representado especificamente pelos paisagistas. Apresenta informações sobre o setor de paisagismo, sua forma de atuação, suas relações com os produtores e com os consumidores, bem como de que forma estas relações interferem na cadeia de valor da floricultura no Paraná.

O quinto capítulo analisa as instituições públicas atuantes no Estado do Paraná relacionadas com o setor. Apresenta um levantamento de quais instituições possuem capacidade de lhe dar suporte, trata das políticas públicas voltadas ao setor produtivo, avalia a

sensibilidade e capacidade das instituições em desenvolverem ações para atender a demanda do setor, bem como analisa o papel destas instituições no fomento ao desenvolvimento.

Nas considerações finais apresentam-se os motivos do baixo desenvolvimento da floricultura no Paraná e quais os principais fatores que interferem, dificultando o seu desenvolvimento. Por fim, apresentam-se recomendações no sentido de contribuir para planejamento de ações para reverter os fatores negativos, criar e potencializar fatores favoráveis, visando o desenvolvimento da floricultura no Paraná.

## **CAPÍTULO 1. PLANTAS ORNAMENTAIS NO PARANÁ; SUBSÍDIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO SETOR PRODUTIVO**

### **RESUMO**

O Paraná apresenta demanda crescente por plantas ornamentais e está entre os maiores centros consumidores do Brasil. Ainda assim não existem polos produtores expressivos neste Estado, bem como há poucas informações sobre o setor produtivo. Visando gerar informações que possam subsidiar o planejamento de ações para o desenvolvimento deste segmento, apresentam-se resultados de pesquisa exploratório descritiva que abrangeu o cenário atual da floricultura e sua evolução histórica no Estado do Paraná, perfil dos produtores, sistemas produtivos, relações comerciais e dinâmica geral do setor produtivo da floricultura. Verificou-se ocorrências de várias características desfavoráveis ao desenvolvimento, tais como: falta de associativismo entre produtores; problemas com a comercialização; debilidades na infraestrutura de distribuição e fornecimento de insumos. O setor apresentou-se carente de ações específicas relacionadas à resolução destas características que se mostraram limitantes ao seu desenvolvimento no Paraná.

Palavras-chaves: Cadeia de valor. Floricultura. Crescimento produtivo. Perfil do produtor. Gestão da produção. Polo produtivo.



## **CHAPTER 1. ORNAMENTAL PLANTS IN PARANÁ STATE: SUBSIDIES FOR THE DEVELOPMENT OF THE PRODUCTIVE SECTOR.**

### **ABSTRACT**

Paraná presents growing demand for ornamental plants and it is among the largest consumer centers in Brazil. And there are still no significant producer poles in this state, and there is little information on this productive sector. In order to generate information that can support the planning of actions for the development of this segment, it is presented results of a descriptive exploratory survey that covered the current scenario of floriculture and its historical evolution in Paraná State, producers' profile, productive systems, trade relationships and the general dynamics of this production sector. It was verified the occurrences of several unfavorable characteristics to the development, such as: lack of association among producers; marketing problems; weaknesses in distribution infrastructure and inputs supply. This study presented a sector with need of specific actions related to the resolution of these characteristics that have proved been a limit to the floriculture development in Parana.

Keywords: Value chain. Floriculture. Productive growth. Producers' profile. Production management. Productive Pole.

## 1.1 INTRODUÇÃO

A produção de plantas ornamentais no Estado do Paraná teve seu início a mais de quatro décadas, sendo favorecida pela presença de solos férteis em todas as regiões do Estado (BHERING e SANTOS, 2007), variações climáticas que permitem o cultivo de espécies temperadas e tropicais durante o ano todo, boas condições hídricas (IAPAR, 2014), malha viária que permite um adequado escoamento da produção e localização próxima aos maiores centros consumidores do país existentes no Sul e Sudeste (IBRAFLOR, 2014).

No cenário nacional o Paraná é o nono colocado no ranking de consumo, com média per capita de R\$ 21,49 ao ano, e um valor de mercado de R\$ 241,248 milhões em 2014, sendo superado, em valor de mercado, apenas por São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (SEBRAE, 2015). Entretanto, a produção paranaense ainda não suporta a demanda interna (SEAB-PR, 2013; IBRAFLOR, 2014), ficando dependente da importação de outros polos produtivos, ver Junqueira e Peetz (2008).

Apesar de sua relevância no consumo de produtos da floricultura, os poucos estudos realizados neste Estado com relação ao setor produtivo de plantas ornamentais, tratam exclusivamente do levantamento estatístico produtivo em termos de valor bruto de produção (VBP); número de produtores e principais espécies produzidas (OLIVEIRA e BRAINER, 2007; SEAB-PR, 2013). Desta forma há lacuna de informações sobre a característica atual do cenário produtivo paranaense e sua evolução histórica, perfil dos produtores, características do sistema produtivo e características das relações comerciais, dificultando um melhor entendimento do cenário produtivo deste setor do agronegócio no Paraná. O conhecimento destas informações pode servir de base para planejamento estratégico de ações para o desenvolvimento deste segmento produtivo, uma vez que a carência de informações é relatada por MAPA (2015); Muraro et al. (2015), como um dos fatores que impedem o desenvolvimento deste setor.

Frente a este cenário, apresentam-se resultados de pesquisa exploratória descritiva que abordou as características atuais do cenário produtivo paranaense e sua evolução histórica, o perfil dos produtores, as características do sistema produtivo e as características das relações

comerciais, visando identificar fatores relacionados ao desenvolvimento deste setor e gerar informações que possam subsidiar o planejamento de ações para contribuir para o seu desenvolvimento no Estado do Paraná.

## **1.2 MATERIAL E MÉTODOS**

As características do cenário atual de produção da floricultura no Estado do Paraná e da evolução histórica da atividade foram baseadas em análise de dados secundários obtidos junto à Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento do Paraná (SEAB-PR, 2013), Instituto brasileiro de floricultura (IBRAFLOR, 2014) e também através de revisão bibliográfica. Os dados analisados abrangeram: situação produtiva paranaense e sua representatividade frente a floricultura nacional com relação ao valor bruto de produção (VBP); número de regiões do Estado e o número de municípios envolvidos com a produção da floricultura; número de espécies cultivadas e as principais em VBP no Estado, bem como seus respectivos locais de cultivo; variação do número de espécies cultivadas; variação do número de regiões e municípios produtores; variações no VBP por espécie e por região produtora.

A caracterização do perfil do produtor e do sistema produtivo foram baseadas em dados obtidos através de pesquisa de campo composta de visitas às propriedades seguida de entrevista aos produtores, entrevistas a técnicos da SEAB-PR e extensionistas da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-PR).

As entrevistas aos produtores foram realizadas nas regiões de Curitiba e região metropolitana, e na região litorânea do Estado, selecionadas por apresentarem significativa representatividade quanto ao valor bruto de produção (SEAB-PR, 2013). A identificação dos produtores destas regiões ocorreu através de levantamentos junto a SEAB-PR, EMATER-PR e entrevistas a atacadistas e varejistas atuantes na capital do Estado. Através desta busca localizaram-se cinquenta e sete produtores, dos quais foram entrevistados 29 que se propuseram a colaborar. Nestas regiões a coleta de dados foi efetuada conforme indicado em

Gil (2009), a partir de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos produtores (março a julho de 2014) com e observação direta nas respectivas unidades de produção e no seu entorno.

As entrevistas aos técnicos da SEAB-PR e EMATER-PR foram realizadas através de visitas às unidades regionais destas instituições e também através de telefonemas e via internet, possibilitando a comparação entre os dados obtidos através das entrevistas aos produtores nas regiões de Curitiba e região metropolitana e região litorânea, com os dados de outras cinco regiões do Estado com alta representatividade quanto ao VBP, segundo SEAB-PR (2013).

Para caracterização do perfil do produtor os dados levantados durante as entrevistas abordaram questões socioeconômicas como: faixa etária; escolaridade; local de origem; renda bruta anual e motivo da escolha por produzir ornamentais.

Para caracterização do sistema produtivo considerou-se: tamanho da área destinada à produção de ornamentais; situação legal e imobiliária da propriedade; mão de obra utilizada; tempo de produção; culturas anteriores; forma de cultivo; infraestrutura logística (malha viária e centrais de distribuição); cadeia de suprimentos; existência de cooperativas voltadas especificamente ao setor floricultura; políticas e programas de apoio institucional ao setor; formas de comercialização; formação de preços; existência de contratos de fornecimento; associativismo e dificuldades na comercialização.

### **1.3 RESULTADOS**

Características do cenário atual de produção da floricultura no Paraná.

Frente ao cenário brasileiro em 2013, o Paraná respondia por 2,32% do VBP nacional da floricultura, ocupava o 6º lugar em número de produtores, com 249 produtores e o 7º em área com 349 ha cultivados com ornamentais, representando 2,53% da área nacional total, excluindo-se a produção de gramas (IBRAFLOR, 2014). Internamente o VBP do setor representou aproximados 0,04% do VBP estadual total da agropecuária estimado em 2013 (SEAB-PR, 2013). Deste montante do VBP da floricultura, 88% estavam vinculados a 10

principais categorias de comercialização, sendo espécies ornamentais em vaso e flores de corte para decoração interna, mudas de flores para ajardinamento externo e plantas ornamentais arbustivas e arbóreas para paisagismo, decoração interna e arborização urbana (SEAB-PR, 2013).

Registrou-se atividade produtiva em todas as regiões geográficas do Estado, distribuídas em dezessete núcleos regionais (NRs)<sup>1</sup> (Figura 1), envolvendo oitenta e nove municípios e sessenta e seis espécies cultivadas, totalizando um valor bruto de produção (VBP) de R\$ 34,689 milhões (SEAB-PR, 2013).

O Núcleo Regional (NR) de Curitiba alcançou a liderança no ranking produtivo do Estado no período analisado com VBP de R\$ 7,635 milhões, seguido pelo NR de Maringá com VBP de R\$ 6,416 milhões, de Cascavel com 4,41 milhões e Londrina com VBP de R\$ 4,085 milhões (SEAB-PR, 2013).

#### Evolução da floricultura no Paraná

Na última década, a floricultura paranaense apresentou crescimento produtivo significativo (68,04%), (VBP) saltando de R\$ 20,643 milhões em 2004 para R\$ 34,689 milhões em 2013 (SEAB-PR, 2013). Entretanto, o crescimento não foi homogêneo em todos os NRs produtores, observando-se crescimento superior a 500% em alguns núcleos e decréscimo de até 50% em outros (SEAB-PR, 2013). Concomitantemente a esta oscilação produtiva ocorreu uma centralização produtiva, dado que os dez NRs de maior expressão em VBP apresentaram valores crescentes de VBP entre 2004-2013, atingindo 97% da produção total do Estado (SEAB-PR, 2013).

---

<sup>1</sup> O Estado do Paraná foi subdividido pela SEAB-PR em 22 núcleos regionais (NRs) compostos por números variáveis de municípios por núcleo regional, abrangendo os 399



Figura 1 – Divisão do Estado do Paraná em 22 núcleos regionais (Fonte: SEAB-PR, 2016).

Não houve mudança específica na categoria de comercialização, mas houve uma reconfiguração no que se refere ao NR vinculado a esta categoria (Tabela 1). Os dados apresentados por SEAB (2013), não permitem especificar o que se enquadra como ornamentais, flores diversas e outras ornamentais, reforçando o cenário atual de escassez de pesquisas e levantamento de dados nesta área no Estado do Paraná. Entretanto, tais dados possibilitam visualizar que as principais mudanças ocorreram nos NRs de Cascavel e Guarapuava. As mudanças ocorridas no Núcleo de Guarapuava foram devido a incentivos financeiros associados a produtores oportunistas, que migraram da produção de commodities para ornamentais, porém não se adaptaram a este novo sistema produtivo. As mudanças ocorridas no núcleo regional de Cascavel se deram devido à mudança do cultivo de ornamentais para outro tipo de cultivo agrícola, principalmente *commodities*.

Também se observou uma expressiva redução tanto de municípios produtores vinculados ao distinto NR, como de espécies produzidas e comercializadas nesta última década (Tabela 2).

Tabela 1. Comparativo de produção da floricultura no Paraná (2004-2013) – dez principais espécies em valor bruto de produção (VBP) e respectivas regiões produtoras.

2004			2013		
Categoria de comercialização	% do VBP*	Núcleos regionais	Categoria de comercialização	% do VBP**	Núcleos regionais
Crisântemo	15,96	Maringá	Crisântemo	17,04	Maringá
Orquídeas	7,86	Toledo	Orquídeas	12,75	Toledo
Mudas p/arborização	22,39	Cascavel	Mudas p/arborização	11,46	Londrina
Flores diversas	3,79	Cascavel	Flores diversas	4,53	Umuarama
Rosas	4,11	Guarapuava	Rosas	3,86	Maringá
Beijo americano	5,65	Curitiba	Beijo americano	3,54	Curitiba
Begônia	1,29	Cascavel	Begônia	1,86	C. Mourão
Cipreste	1,52	Guarapuava	Amor perfeito	0,99	Guarapuava
Gerbera	2,17	Guarapuava	Gerbera	0,92	Maringá
Outras ornamentais	11,85	Guarapuava	Outras Ornamentais	30,84	Curitiba
Total	76,59		Total	87,79	

\* VBP total 2004 = R\$ 20.643.044,00 \*\*VBP total 2013 R\$ = 34.689.352,98 (fonte: SEAB-PR, 2013).

Tabela 2. Evolução da floricultura no Paraná (2004-2013); variações entre número de espécies e municípios produtores.

	Anos									
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Núcleos regionais	19	17	19	19	19	20	21	18	17	17
Municípios produtores	147	138	142	128	119	102	106	98	89	89
Espécies cultivadas	86	82	79	82	86	78	71	61	66	66

(Adaptado de SEAB-PR, 2013).

Os produtores entrevistados no Paraná puderam ser caracterizados como predominantemente do sexo masculino, casados, com idade superior a 40 anos e com nível escolar básico (ensino médio e fundamental), sendo procedentes da mesma região onde desenvolviam suas atividades agrícolas (Anexo 1).

A principal atividade geradora de renda destes produtores era a produção de ornamentais, com raros casos de outros cultivos além do cultivo de ornamentais na propriedade. A maioria migrou de outros tipos de cultivo como a fruticultura e a olericultura para o cultivo de ornamentais há mais de dez anos (Anexo 2). A opção por este tipo de produção foi em função do bom rendimento proporcionado por esta atividade agrícola. A renda entre estes produtores era bastante variável, oscilando entre 20 mil e um milhão de reais ao ano (Anexo 1).

Caracterização do sistema produtivo.

No Paraná, registrou-se tanto produção sob cultivo protegido (estufas e telados), quanto produção a campo, com áreas de tamanho bastante variáveis. A maioria dos produtores eram proprietários das áreas onde produziam, com raros casos de arrendamento de áreas (Anexo 2).

Em ambos os casos, a mão de obra utilizada era predominantemente familiar com frequente contratação de funcionários, tanto temporários quanto fixos. A assistência técnica especializada era praticamente inexistente. Em alguns casos, esta era particular proporcionada por empresas que vendiam insumos em algumas regiões do Estado. Os produtores paranaenses, em sua maioria não haviam realizado cursos de capacitação técnica na área de produção de ornamentais, sendo seu conhecimento predominantemente empírico.

A produção sob cultivo protegido, em sua maioria era utilizada para cultivo de plantas envasadas (flores e folhagens), mudas de flores e forrações para ajardinamento e flores de corte, realizadas em áreas de até 6.000 m<sup>2</sup>, na maior parte dos casos. O cultivo a campo em sua maioria era de plantas arbustivas destinadas ao ajardinamento externo, ocorria em áreas inferiores a dez hectares na maioria dos casos (Anexo 2). As espécies produzidas eram basicamente as mesmas nos diversos produtores, se concentrando em 16 espécies de maior incidência de cultivo (Anexo 3)



### Caracterização das regiões produtoras

Todas as principais regiões produtoras de plantas ornamentais contavam com boas condições viárias para transporte e acesso às propriedades produtoras. Não se registrou a ocorrência de centrais de distribuição ou comercialização, bem como não se registrou nenhuma cooperativa específica voltada à floricultura. Num contexto mais generalizado, registrou-se apenas a comercialização de flores junto às Centrais de Abastecimento do Paraná S/A (CEASA-PR), apenas no município de Curitiba. Entretanto, com quantidades reduzidas de plantas, pouca variabilidade e apenas cinco produtores efetivamente ativos nesta central, segundo observação no local.

As principais regiões produtoras contavam com empresas fornecedoras de insumos de acordo com observações no entorno dos locais estudados, porém nenhuma delas especializada em produtos específicos para a floricultura.

Em alguns municípios, registrou-se, e a ocorrência de ações pontuais voltadas ao setor floricultura desenvolvidas por instituições municipais, predominantemente voltados à realização de eventos festivos objetivando promover a divulgação e comercialização da produção.

### Relações comerciais

A comercialização ocorria de diversas formas nas principais regiões produtoras, sendo predominantemente através de venda direta na propriedade e através da venda direta para pontos de varejo. Não havia formalização de contrato entre produtores e clientes, sendo que o produtor seguia a própria experiência com relação à quantidade e espécies a serem produzidas. De modo geral, os produtores atuavam isoladamente, sem nenhuma forma de associativismo. Este padrão se repetia nos demais elos da cadeia de valor. Observou-se poucas ações associativistas entre produtores, tais como a *Coperflores Marialva*; Associação de Floricultores do Norte e Noroeste do Paraná (*Aflonorpa*), e a Associação Paranaense de Paisagismo e Jardinagem (*Apaflor*), sendo a primeira em fase inicial de implantação, e as demais inativas na ocasião do estudo.

A contabilidade financeira era deficiente em todos os produtores, não existindo registros precisos que permitissem uma acurácia no levantamento de custos produtivos. Dado

que os preços de venda eram determinados pelo mercado, era comum situações onde o produtor não tinha condições de avaliar se o resultado financeiro de sua atividade era positivo ou negativo.

## **1.4 DISCUSSÃO**

A floricultura paranaense apresentou crescimento em produção na última década. Entretanto, ainda se apresenta pouco significativa diante da produção nacional e possui pouca representatividade com relação ao VBP total da produção agropecuária do Estado. Adicionalmente, considerando o valor de mercado e o consumo per capita no Estado do Paraná (SEBRAE, 2015), percebe-se que o crescimento produtivo local não acompanhou o crescimento da demanda interna. Desta forma, o mercado da floricultura paranaense continua altamente dependente de importação de outros estados brasileiros, de forma recorrente conforme também evidenciado por Junqueira e Peetz, (2008). Neste contexto, frente aos índices crescentes de consumo de produtos da floricultura registrados no Estado (SEBRAE, 2015; IBRAFLOR, 2014), associados à alta rentabilidade por hectare (TERRA e ZÜGE 2009) e as condições produtivas favoráveis no Estado, o setor apresenta-se como uma boa opção agrícola, demonstrando que há espaço e condições para significativo crescimento produtivo na busca do atendimento da demanda local.

Mesmo com estes fatores favoráveis, os motivos do baixo desenvolvimento deste setor, insuficiente até mesmo para suprir a demanda interna do Estado, são desconhecidos. Porém, verificou-se que fatores derivados das características relativas ao perfil do produtor, sistema produtivo, estrutura das regiões produtoras e relações comerciais apresentados, são similares aos observados em outras regiões do Brasil, onde o setor ainda se encontra menos desenvolvido (ver: SEBRAE/RS (2003); SEBRAE/CE (2005); SEBRAE/RN (2007); Ceratti et al. (2007); SEBRAE/ES (2007); SEBRAE/NA (2008); Silva e Leitão (2009); Terra e Züge (2009); Lerner et al. (2013); Vieira et al. (2014); Silva et al. (2011)).

Tais fatores podem estar influenciando negativamente o desenvolvimento deste setor do agronegócio paranaense. Entre estes, ressaltam-se a falta de assistência técnica, baixo

índice de associativismo, escassez de mão de obra, falta de políticas públicas específicas, inexistência de centrais de distribuição e cooperativas, carência de insumos específicos, inexistência de contratos entre produtores e comerciantes, problemas com inadimplência, preços e concorrência. Porém, não se sabe se apenas estes fatores são suficientes para interferir no desenvolvimento, suas intensidades de interferência e as formas como interferem.

Alguns destes fatores, tais como: problema de carência de insumos específicos, demanda, inadimplência, centrais de distribuição, formação de preços e concorrência, poderiam ser resolvidos através da cooperação e associativismo entre os produtores, conforme evidenciado por Pereira e Carvalho (2008) e Junqueira e Peetz, (2008). Entretanto, o cooperativismo e o associativismo, que já ocorreram em momentos pontuais entre os produtores do Paraná, por desinteresse e descrédito destes, acabaram não atingindo seus objetivos e permanecem inativos.

O insucesso do associativismo também pode estar relacionada com o modelo produtivo predominante na floricultura paranaense, onde ocorre à produção de várias espécies em uma mesma propriedade agrícola. Este modelo produtivo, chamado de modelo italiano de produção, é um modelo de produção onde a atuação do produtor é mais individualista, visando atender o mix de produtos demandados pelo cliente exclusivamente com a produção própria, (CASTANHÃ, 2005). Diferentemente do modelo holandês, onde cada produtor se especializa em produzir poucas espécies e busca união com outros produtores para compor o mix de produtos na hora da comercialização, favorecendo o cooperativismo (CASTANHÃ, 2005), o modelo italiano acaba por gerar mais concorrência, podendo dificultar a união entre os produtores e conseqüentemente podendo prejudicar o associativismo.

Outro aspecto, que pode afetar o desenvolvimento deste setor, está relacionado com o processo de redução no número das espécies produzidas (Tabela 2; Anexo 3). As conseqüências positivas desta especialização estão vinculadas à maior qualidade, competitividade em preços e constância no abastecimento. Entretanto, há que se salientar que este processo determina diminuição da importância das espécies locais e perda de capacidade de exploração de novas espécies, resultando em poucas espécies cultivadas, seguindo um padrão observado na floricultura brasileira ver Junqueira e Peetz (2014).

Em mercados regidos pela concorrência pura, onde o preço é regulado pela oferta e pela demanda (MENDES, 2012), o produtor, individualmente, não detém nenhum poder sobre a formação de preços, tal fato também ocorre na floricultura. Desta forma, a produção das mesmas espécies que outros polos produtivos aumentam a oferta e interfere ainda mais no componente preço. Neste caso a inovação produtiva através da introdução de novas espécies poderia gerar poder de controle de formação de preços pelo produtor, uma vez que este seria produtor exclusivo de determinadas espécies, trazendo vantagens competitivas para este segmento da cadeia de valor da floricultura.

## **1.5 CONSIDERAÇÕES**

A floricultura paranaense apresenta alguns fatores favoráveis ao desenvolvimento de um polo produtivo expressivo nacionalmente tais como condições edafoclimáticas, proximidade ao mercado consumidor e demanda local crescente. Porém, existem outros fatores que derivam das características de produção e comercialização deste setor, tais como: falta de assistência técnica, baixo índice de associativismo, escassez de mão de obra, falta de políticas públicas específicas, inexistência de centrais de distribuição e cooperativas, carência de insumos específicos, inexistência de contratos entre produtores e comerciantes, problemas com inadimplência, preços e concorrência, interferindo em seu desenvolvimento. Estudos mais aprofundados, que possam elucidar de que forma estes fatores interferem no desenvolvimento qual a melhor solução, são necessários para subsidiar o planejamento de ações para alavancar seu desenvolvimento.

## **1.6 REFÊNCIAS**

BHERING, S.B.; SANTOS, H.G. **Mapa de solos do Estado do Paraná**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2007. 74p.

CERATTI, M.; PAIVA, P.D.O.; SOUSA, M.; TAVARES. T.S. Comercialização de flores e

plantas ornamentais no segmento varejista no município de Lavras/MG. **Ciência e Agrotecnologia**, Lavras, v.31, n.4, p.1212-1218, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-70542007000400040>>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

FREITAS, A.F.; DIAS, M.M. Mudanças conceituais do desenvolvimento rural e suas influências nas políticas públicas. **Revista de Administração Pública[online]**, Rio de Janeiro, v.46, n.6, p.1575-1597, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122012000600008>>. Acesso em 10 de dezembro de 2014.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009. 175p.

IAPAR. Instituto Agrônomo do Paraná. 2014. **Classificação climática**. Disponível em: <<http://www.iapar.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=863>>. Acesso em 23 de dezembro de 2014.

IBRAFLOR - Instituto Brasileiro de Floricultura, 2014. **Números do Setor**. Disponível em: <[http://www.IBRAFLOR.com/ns\\_mer\\_interno.php](http://www.IBRAFLOR.com/ns_mer_interno.php)>. Acesso em: 30 de abril de 2014.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância socioeconômica recente. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.14, n.1, p.37-52, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v14i1.230>>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. O setor produtivo de flores e plantas ornamentais do Brasil, no período de 2008 a 2013: atualizações, balanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.20, n.2, p.115-120, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v20i2.727>>, Acesso em 20 de novembro de 2014.

LERNER, F.; TIZOTTE, A.L.; LEITE, A.C. **A cadeia de valor das flores e plantas ornamentais no noroeste do Rio Grande do Sul**. Relatório técnico científico XVIII Jornada de Pesquisa. Salão do conhecimento, unijuí, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/article/viewFile/2218/1870>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2014.

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria Executiva Coordenação-Geral de Apoio às Câmaras Setoriais e Temáticas, 2015. **Agenda estratégica flores e plantas 2012-2015**. Disponível em: <[http://www.agricultura.gov.br/arq\\_editor/file/camaras\\_setoriais/AGES/Flores.pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/camaras_setoriais/AGES/Flores.pdf)>. Acesso em 20 de março de 2015.

MENDES, J.T.G. **Economia – Fundamentos e aplicações**. São Paulo: Prentice hall, 2004. 309 p.

OLIVEIRA, A.A.P.; BRAINER, M.C.P. **Floricultura: caracterização e mercado**. Fortaleza:

Banco do Nordeste do Brasil, 2007. 180 p. – (Série Documentos do ETENE, n. 16). Disponível em: <[http://www.bnb.gov.br/projwebren/exec/livroPDF.aspx?cd\\_livro=61](http://www.bnb.gov.br/projwebren/exec/livroPDF.aspx?cd_livro=61)>. Acesso em: 10 de março de 2015.

OLIVEIRA, J.M.S.R.; GRZYBOVSKI, D.; SANTOS, A.C. Estratégia de competitividade do mercado de flores e plantas ornamentais: um estudo multifocal. **Conexão Ciência**, Formiga, v.6, n.2, p.144-164, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uniformg.edu.br:21011/periodicos/index.php/testeconexaociencia/article/view/94>>. Acesso em 20 de março de 2015.

PEREIRA, J.P.C.N.; CARVALHO, M.M. Cooperação e localidade: uma análise no contexto do agronegócio de flores. **Produção**, São Paulo, v.18, n.1, p.195-209, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132008000100015>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

SEAB-PR - Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento. Departamento de Economia Rural, 2013. **Versão definitiva do levantamento da produção rural paranaense por município 2013**. Disponível em: <<http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/relmun2v.pdf>>. Acesso em: 30 de março de 2014.

SEBRAE. 2015. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Flores e plantas ornamentais do Brasil**. Disponível em: <[http://www.hortica.com.br/artigos/2015/FPO\\_BR\\_Estudos\\_Mercadologicos\\_2015\\_Vol1.pdf](http://www.hortica.com.br/artigos/2015/FPO_BR_Estudos_Mercadologicos_2015_Vol1.pdf)>. Acesso em 10 de dezembro de 2014.

SEBRAE/CE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2005. **Estudo setorial da floricultura**. Disponível em: <[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/5EF7DEAB6DBD5943032570A70063D8D4/\\$File/NT000AC89A.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/5EF7DEAB6DBD5943032570A70063D8D4/$File/NT000AC89A.pdf)>. Acesso em 10 de dezembro de 2014.

SEBRAE/ES. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2007. **A cadeia de valor da floricultura no Estado do Espírito Santo**. Disponível em: [http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/2121BE3B85239CAD832573FB0069C115/\\$File/NT0003752E.pdf](http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/2121BE3B85239CAD832573FB0069C115/$File/NT0003752E.pdf). Acesso em: 20 de setembro de 2014.

SEBRAE/NA. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2008. **Estudo da competitividade e eficiência da cadeia de valor de flores e plantas ornamentais da Amazônia**. 107 p. Disponível em: <[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/74EAAFE87694C582832577EA0058182A/\\$File/NT0004526E.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/74EAAFE87694C582832577EA0058182A/$File/NT0004526E.pdf)>. Acesso em 10 de dezembro de 2014.

SEBRAE/RN. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2008. **cadeia de valor de flores e plantas ornamentais na grande Natal (RN)**. Disponível em: <[http://www.al.sebrae.com.br/programas\\_projetos/default.asp](http://www.al.sebrae.com.br/programas_projetos/default.asp)>. Acesso em 27 de outubro de 2014.

SEBRAE/RS. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2003. **Diagnóstico da cadeia de valor de flores e plantas ornamentais do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/311567070DCEA48C032572170054A774/\\$File/NT000B578E.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/311567070DCEA48C032572170054A774/$File/NT000B578E.pdf)>. Acesso em 22 de dezembro de 2014.

SILVA, F.C.; LEITÃO, M.R.F.A. Extensão rural e floricultura tropical para o desenvolvimento local: a cooperação no processo de inclusão competitiva dos agricultores familiares em Pernambuco. **Interações**, Campo Grande, v.10, n.1, p.9-19, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1518-70122009000100002>>. Acesso em 10 de dezembro de 2014.

SILVA, M.S.; LOUREIRO, E.B.; GALDINO, L.K.A. 2011. **Evolução da floricultura no Estado de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/58.pdf>>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

TERRA, S.B.; ZÜGE, D.P.P.O. Floricultura: a produção de flores como uma nova alternativa de emprego e renda para a comunidade de Bagé-RS. **Revista Conexão**, Ponta Grossa, v.9, n.2, p.342-353, 2013. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/5014/3656>>. Acesso em 20 de junho de 2014.

VIEIRA, A.A.V; SAMPAIO, G.R; SAMPAIO, Y.S.B. 2014. **Floricultura em Pernambuco: perspectivas de crescimento para 2020**. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/5/1173.pdf>>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

## **CAPÍTULO 2. FATORES ASSOCIADOS AO DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE DE POLOS PRODUTIVOS DA FLORICULTURA NO BRASIL**

### **RESUMO**

O desenvolvimento de polos floricultores no Brasil ocorre de forma irregular com grande concentração produtiva na região Sudeste, principalmente no Estado de São Paulo e outras regiões com polos ainda em desenvolvimento. Esta variação ocorre devido à variação na ocorrência de diferentes fatores que influenciam seu desenvolvimento. O conhecimento de tais fatores e seu grau de influência pode contribuir com o planejamento de ações para alavancar o desenvolvimento produtivo da floricultura em países em desenvolvimento. A partir de entrevistas a produtores de dois polos produtivos floricultores, com acentuada diferença em nível de desenvolvimento, buscou-se identificar os fatores locais responsáveis por tais diferenças, bem como ações desenvolvidas localmente que influenciaram a adequação destes fatores. A logística, a assistência técnica e a força laboral local, foram os principais responsáveis pela diferença no desenvolvimento entre os polos floricultores analisados. A capacidade de articulação dos produtores gerou ações locais que proporcionaram adequação da maioria dos fatores influenciadores do desenvolvimento local.

Palavras chaves: Cadeia de valor. Plantas ornamentais. Desenvolvimento produtivo local. Cadeia Produtiva. Gestão da produção.



## **CHAPTER 2. FACTORS LINKED TO THE DEVELOPMENT AND SUSTAINABILITY OF FLORICULTURE PRODUCTION CENTERS IN BRAZIL.**

### **ABSTRACT**

The development of floriculture centers in Brazil occurs irregularly with great productive concentration in the Southeast region, especially in São Paulo State and other regions with poles still in development. This variation is due to the variation in the occurrence of different factors that influence its development. The knowledge of such factors and how they influence it, can contribute to the planning of actions to boost the productive development of floriculture in developing countries. From interviews with producers of two flower productive centers, with marked difference in level of development, it was sought to identify the local factors responsible for such differences, as well as actions developed locally which influence the suitability of these factors. The logistics, technical assistance and the local labor force, were responsible for the difference in development among the places analyzed. The producers' joint capacity generated local actions that provided adequacy of the most influential factors of local development.

Key words: Value chain. Ornamental plants. Local productive development. Productive chain. Production management.

## 2.1 INTRODUÇÃO

A floricultura no Brasil iniciou-se a partir da década de 1970, primariamente na região Sudeste e nos anos seguintes, logo surgiram novos polos produtivos em várias outras regiões do país (MITSUEDA et al., 2011). Ao longo de sua evolução, a maioria dos polos produtivos da floricultura, derivaram da substituição de cultivos agrícolas tradicionais, atraídos pela lucratividade superior gerada pela floricultura em locais próximos ao mercado consumidor (BRASIL, 2007; SILVA, *et al.*, 2011). Apesar da origem comum, estes se desenvolveram de forma bastante irregular, com grande concentração produtiva na região Sudeste, responsável por 73,74% de todo o volume bruto produzido (VBP) e comercializado, atingindo um VBP de R\$ 1.098 bilhões em 2013 (JUNQUEIRA: PEETZ, 2014). Deste total, a maior parte concentra-se no Estado de São Paulo, sendo este o principal centro produtor e consumidor, representando 48,31% do VBP nacional em 2013 (IBRAFLOR, 2014; JUNQUEIRA: PEETZ, 2014).

A significativa diferença no desenvolvimento entre os polos produtivos brasileiros revela-se ao compararmos o VBP do polo produtivo da região Sudeste com os demais polos produtivos representados pela região Sul com VBP de R\$ 146,6 milhões, seguida da região Nordeste com VBP de R\$ 134.290 milhões, da Centro-oeste com VBP de R\$ 73.571 milhões e região Norte com R\$ 36.827 milhões (JUNQUEIRA: PEETZ, 2014).

Esta variação pode ser resultado de diferentes fatores, que podem estar relacionados a questões como: proximidade ao mercado consumidor e existência de uma logística de distribuição que garanta a regularidade do fluxo dos produtos, mantendo sua qualidade a um custo baixo e facilidades na comercialização (PEREIRA; CARVALHO, 2008); facilidade no fornecimento de insumos que possam atender as especificidades da floricultura, assistência técnica que possa gerar transferência de tecnologias produtivas que garantam uma produção com qualidade, e quantidades regulares (PEREIRA; CARVALHO, 2008); políticas públicas voltadas ao setor; características geoclimáticas que favoreçam o cultivo e características da força laboral local (PORTER, 1991; 1998; DURAN, 2006), tanto no sentido de existência de mão de obra local qualificada para produção, quanto no sentido da capacidade dos produtores

em desenvolver ações, tanto internas quanto externas à propriedade, que possam resultar na transformação das condições existentes, resultando em novas condições mais favoráveis ao seu desenvolvimento (NABSO, 2008; PEREIRA; CARVALHO, 2008).

Frente a ampla variedade de condicionantes que garantem a sustentabilidade do desenvolvimento dos sistemas produtivos da floricultura, estudos mais detalhados sobre esta temática são imprescindíveis para garantir o adequado desenvolvimento deste setor produtivo (BRASIL, 2007; OLIVEIRA *et al.*, 2011).

Visando contribuir para melhor entendimento dos fatores que podem influenciar o desenvolvimento de polos produtivos da floricultura, apresenta-se resultado de estudo comparativo de dois polos produtivos brasileiros, representativos de distintos níveis de desenvolvimento.

Especificamente, buscou-se identificar os fatores determinantes do nível de desenvolvimento destes polos produtivos. Adicionalmente, levantaram-se ações e medidas efetuadas no sentido de minimizar os efeitos de fatores de impacto negativo, que podem contribuir para desenvolvimento deste setor produtivo.

## **2.2 MATEIRAL E MÉTODOS**

### Locais estudados e população amostrada

a) Polo produtivo floricultor de SÃO PAULO: englobando os Municípios de Holambra e Atibaia, é considerado o mais representativo do Brasil, responsável por mais de 40% do VBP nacional (BRASIL, 2007; JUNQUEIRA; PEETZ, 2008). Neste polo, foram amostrados sete produtores, escolhidos pelo método não-probabilístico de amostragem (GIL, 2009), considerando sua expressividade produtiva.

b) Polo produtivo floricultor do PARANÁ: apresenta baixa representatividade nacional, responsável por 2,32% do VBP nacional (IBRAFLOR, 2014). A pesquisa abrangeu os municípios de Curitiba e Região Metropolitana (n=22) e litoral do Estado (n=7), De um total

de 57 produtores identificados, foram amostrados 29, escolhidos pelo método não-probabilístico de amostragem (GIL, 2009), por acessibilidade.

#### Coleta de dados e conteúdo da pesquisa

A coleta de dados junto aos produtores foi efetuada conforme indicado em GIL (2009), a partir de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos produtores (março a novembro de 2014), com paralela observação direta nas respectivas unidades de produção e no seu entorno.

Considerou-se os seguintes fatores na avaliação de ambos os polos produtivos: a) proximidade ao mercado consumidor; b) logística de distribuição; c) facilidade no fornecimento de insumos; d) oferta de assistência técnica; e) existência de políticas públicas voltadas ao setor; f) características geoclimáticas favoráveis ao cultivo; g) força laboral, incluindo g<sub>1</sub>: mão de obra qualificada para produção; g<sub>2</sub>: capacidade de articulação dos produtores. Cada um destes fatores foi classificado, de acordo com sua ocorrência nas localidades estudadas em: A = adequado: incidência do fator no contexto do polo produtivo favorecendo seu desenvolvimento; R = regular: incidência deficiente do fator no contexto do polo produtivo dificultando seu desenvolvimento; I = insuficiente: ausência do fator junto ao polo produtivo, sendo restritivo ao seu desenvolvimento.

Na análise do nível de adequação da proximidade do mercado consumidor, considerou-se à distância do polo produtivo aos centros consumidores localizados nas principais cidades e nas capitais da região Sul e Sudeste, regiões mais expressivas em consumo segundo IBRAFLOR (2014). Considerou-se adequada a distância máxima de 600 km pelo modal rodoviário, dado que tal distância permite a possibilidade de abastecimento diário do mercado e atendimento pontual da demanda, reduzindo perdas e atrasos na entrega de pedidos específicos. Considerou-se regular entre 600 e 1000 km e insuficiente acima de 1000 km pelo modal rodoviário, dado o custo de frete, demora no atendimento pontual da demanda e perecibilidade.

Quanto ao nível de adequação da logística de distribuição e comercialização da produção, observou-se existência de centrais de distribuição ou comercialização e as condições das vias de acesso às propriedades. Considerou-se adequada a existência de vias de

acesso que permitissem tráfego no mínimo de caminhões a todas as propriedades, somado à existência de ao menos uma central de distribuição ou comercialização com fluxo de produtos e produtores que representasse a maior parte da produção local. Considerou-se regular a falta de centrais de comercialização representativas ou a deficiência no acesso a caminhões nas propriedades e insuficiente a inexistência de centrais de distribuição ou comercialização que não fossem representativas, somado à deficiência no acesso de caminhões a alguma propriedade.

Na avaliação do nível de adequação da disponibilidade de insumos considerou como adequada a ocorrência de empresas que comercializassem insumos que atendessem as demandas específicas do cultivo de ornamentais nas proximidades dos polos produtivos, distantes até 100 km. Considerou-se regular a ocorrência de empresas que comercializassem insumos substitutos nas proximidades até 100 km dos polos produtivos avaliados e insuficiente a não existência de empresas que comercializassem insumos específicos ou substitutos.

A oferta da assistência técnica foi considerada adequada quando da existência de técnicos especializados na produção de ornamentais disponíveis em quantidades suficientes nas instituições públicas ou na existência de técnicos especializados disponibilizada por empresas, ou na existência de técnicos contratados diretamente pelos produtores. Esta oferta foi considerada regular quando da ocorrência de técnicos especializados disponíveis nas instituições públicas ou disponibilizado por empresas ou contratados pelos produtores em quantidade não suficientes para atender todos os produtores e insuficiente quando não ocorria a presença de técnicos especializados no setor.

Na avaliação do nível de adequação de políticas públicas, considerou-se como adequada a existência de mais de uma política pública, atuando conjuntamente na esfera local, regional e nacional, especificamente voltadas ao setor da floricultura. Considerou regular a existência de ao menos uma política específica para o setor, atuando na esfera local, regional e nacional e insuficiente a não ocorrência de políticas públicas específicas para o setor, atuando conjuntamente nas esferas local, regional e nacional.

Na avaliação do nível de adequação das condições geoclimáticas considerou-se como adequada a presença de condições climáticas, de solo e relevo não limitantes à maioria das culturas tradicionalmente cultivadas neste setor, citadas em JUNQUEIRA: PEETZ (2008). Considerou-se regular a ocorrência de ao menos um fator que pudesse limitar o cultivo de tais espécies e insuficiente a existência de mais de uma condição limitante ao cultivo de tais espécies.

Para avaliar o nível de adequação da força laboral local, considerou-se o fator mão de obra utilizada especificamente na produção, considerando adequada a existência em abundância de trabalhadores com capacidade de desenvolver as atividades específicas necessárias à floricultura. Considerou-se oferta regular quando identificada a carência de trabalhadores ou a falta de qualificação destes. Determinou-se oferta inexistente quando da carência de trabalhadores somado a baixa qualificação destes.

No que concerne ao nível de adequação da capacidade de articulação dos produtores, considerou-se sua capacidade em desenvolver ações tanto internas quanto externas à propriedade que possam resultar na transformação das condições locais existentes. Esta capacidade foi classificada como adequada quando ocorriam ações no sentido de buscar desenvolver pesquisa que resultem em inovações e melhorias produtivas, parcerias com outras empresas do setor, bem como a existência de associativismo ativo e representativo dos produtores locais. Considerou-se regular quando ocorriam ações no sentido de buscar desenvolver pesquisa que resultem em inovações e melhorias produtivas, ou quando ocorriam parcerias com outras empresas do setor, ou quando ocorria o associativismo ativo e representativo dos produtores locais e insuficiente quando não ocorria nenhum dos itens anteriores.

Nesta mesma dinâmica, os entrevistados foram inquiridos sobre as medidas que haviam tomado, frente às adversidades enfrentadas no que se refere aos critérios acima abordados.

## 2.3 RESULTADOS

A partir da comparação do nível de adequação de fatores relacionados a sustentabilidade do desenvolvimento nos polos produtivos estudados, detectou-se similaridade em termos de proximidade ao mercado consumidor e características geoclimáticas favoráveis ao cultivo. Em ambos os polos produtivos, estes fatores foram identificados como adequados, favorecendo o desenvolvimento do setor produtivo.

Também foram similares em ambos os locais, a inexistência de políticas públicas voltadas ao setor de floricultura assim como de mão de obra qualificada para produção. Ou seja, em ambos os locais estes fatores foram classificados como insuficientes, podendo implicar em restrição ao desenvolvimento deste setor produtivo.

As principais diferenças observadas entre os polos estudados foram identificadas no que concerne à logística de distribuição (Figura 1), oferta de assistência técnica e de insumos assim como à capacidade de articulação dos produtores. Todos estes fatores foram identificados como adequados no polo produtivo de São Paulo, favorecendo sua sustentabilidade. No polo do Paraná, estes fatores foram identificados como insuficiente (Tabela 1).



Figura 1 – Centrais de distribuição atacadista – Veilling Holambra (São Paulo) e CEASA (Curitiba) (Foto – Muraro, D., 10/2014).

Tabela 1 – Nível de adequação de fatores relacionados a sustentabilidade do desenvolvimento de polos produtivos da floricultura no Brasil, sendo A = adequado; R = regular; I = insuficiente.

Fatores	Polo Produtivo	
	Paraná	São Paulo
Logística	I	A
Proximidade	A	A
Políticas públicas	I	I
Assistência Técnica	I	A
Insumos	R	A
Fatores geoclimáticos	A	A
Articulação do produtor	I	A
Mão de obra	I	I

Foi efetivamente díspar a situação em ambos os polos produtivos analisados, no que se refere às ações ou medidas que haviam sido tomadas frente às adversidades enfrentadas relativas aos fatores avaliados. Em São Paulo, foram registradas medidas para todos os fatores avaliados. No Paraná, registrou-se a total ausência de medidas neste sentido (Tabela 2).



Tabela 2 – Ações efetuadas no sentido de minimizar adversidades enfrentadas pelos produtores dos polos produtivos de floricultura de São Paulo e Paraná.

Fator	Ações efetuadas	
	São Paulo	Paraná
Proximidade do mercado consumidor	Otimização da cadeia logística de distribuição (cooperativas)	Inexistente
Logística de distribuição	Criação de centrais de distribuição e comercialização; ação conjunta para melhoria da cadeia logística (cooperativas)	Inexistente
Fornecimento de Insumos	Cooperativa estimulou a formação de clusters empresariais	Inexistente
Assistência Técnica	Contratação de engenheiro agrônomo; parcerias com empresas estrangeiras (cooperativas)	Inexistente
Políticas públicas	Maior representatividade junto ao poder público através de cooperativas	Inexistente
Características geoclimáticas	Investimento em melhorias na tecnologia produtiva	Inexistente
Mão de obra especializada	Investimento em tecnologia produtiva para potencializar o rendimento da mão de obra existente;  Oferta de cursos de capacitação e Benefícios para trabalhadores (creche, auxílio moradia)  Adequação ergonômica das técnicas de trabalho	Inexistente
Articulação entre produtores	Criação de cooperativas e associações de classe;	Inexistente

## 2.4 DISCUSSÃO

É notória a diferença de produtividade e representatividade do polo produtivo de São Paulo, comparativamente ao polo produtivo do Paraná, no contexto nacional. Entretanto, esta diferença não parece estar vinculada a proximidade ao mercado consumidor ou características geoclimáticas favoráveis ao cultivo. Tampouco, a inexistência de políticas públicas voltadas ao setor de floricultura assim como de mão de obra qualificada para produção, parecem ser fatores preponderantes neste cenário de desigualdade. Seja pela adequação ou inadequação, estes fatores são igualmente observados em ambos os polos produtivos (Tab. 1)

No entanto, quando se avaliam os demais fatores que podem ter relevância nesta desigualdade, percebe-se que para a maioria destes, São Paulo apresenta a vantagem da adequação. Ou seja, logística, oferta de assistência técnica, de insumos e articulação entre produtores apresentavam nível adequado, contribuindo para o desenvolvimento e sustentabilidade desta atividade produtiva.

Porém, esta vantagem não é fortuita. Ao levarem-se em conta as ações e medidas tomadas pelos produtores do polo produtivo do Estado de São Paulo no enfrentamento de dificuldades relacionadas aos fatores avaliados, percebe-se pró-atividade e contínuo investimento em gerar condições mais produtivas e qualificadas (Tab. 2).

Em especial, ressalta-se a capacidade de integração dos produtores do polo produtivo do Estado de São Paulo, organizando-se em associações e cooperativas, que determinaram a minimização de fatores adversos, assim como geraram condições favoráveis que atraíram clientes de outras regiões do país, ampliando em muito seu mercado, conforme também apontado em Pereira *et al.* (2004) e JUNQUEIRA: PEETZ (2008).

Um dos resultados deste processo foi a otimização da cadeia logística, com criação de centrais de distribuição, estrutura de custo menor, oferta de amplo mix de produtos, tempo de entrega otimizado e tecnologias de melhor conservação pós-colheita. Tais ações

possibilitaram a este polo gerar atratividade, alcançando compradores em todo o território brasileiro (PEREIRA; CARVALHO, 2008; JUNQUEIRA; PEETZ, 2008).

A partir do desenvolvimento e aumento de volume de produção, ocorre aumento da necessidade de insumos e maior especificidade destes. Este aumento da demanda gera atratividade para empresas distribuidoras de insumos que buscam se posicionar próximas ao cliente para melhor atendê-lo, criando-se um agrupamento empresarial local gerador de competitividade, tanto para o segmento produtivo quanto para o segmento comercial (PEREIRA *et al.*, 2004). Este processo é bem exemplificado no polo produtivo de São Paulo, conforme também evidenciado em PEREIRA *et al.* (2004) e JUNQUEIRA; PEETZ (2008).

A adequada capacidade de integração dos produtores também promove vários outros benefícios, como por exemplo, a troca de informações, multiplicando conhecimentos e práticas desenvolvidas localmente (LOTERO, *et al.*, 2009). O associativismo também facilita o acesso ao capital e aumenta a representatividade tanto para desenvolver parcerias com empresas na busca de transferência de tecnologias, quanto para buscar apoio institucional público neste sentido (JUNQUEIRA; LIMA, 2008). Este perfil de cooperação e sucesso é comum em polos produtivos mais desenvolvidos tanto no Brasil quanto em outros países, conforme apontado em PEREIRA *et al.* (2004); PEREIRA; CARVALHO (2008) e FAO (2014).

O cenário produtivo da floricultura no Paraná não conta com estas vantagens. Ou seja, os produtores são desorganizados. Como exemplo verifica-se o insucesso cooperativista verificado neste estado no setor produtivo da floricultura (MURARO *et al.*, 2015). Desta forma agem isoladamente, impossibilitando ações conjuntas para minimizar os fatores adversos. Assim, mesmo com mercado consumidor próximo, com demanda significativa e condições climáticas favoráveis à floricultura, este polo produtivo não consegue fortalecer sua produtividade.

## 2.5 CONSIDERAÇÕES

No Brasil, observou-se que os fatores que influenciam a sustentabilidade de polos produtivos ocorreram de forma variada nas respectivas regiões estudadas e a competência dos produtores em desenvolver soluções para superar a deficiência ou ausência destes fatores mostrou-se decisiva para o maior desenvolvimento de alguns polos produtivos.

Os fatores analisados podem favorecer o estabelecimento e desenvolvimento de polos produtivos e devem ser considerados na decisão por sua implantação. Quanto mais fatores favoráveis existirem maiores as chances de sucesso. Entretanto, a ausência de alguns fatores pode ser contornada desde que haja competência dos produtores na prática de ações que resultem na criação ou melhoria do demais fatores que se mostrarem limitantes, sendo o associativismo uma das práticas que tem se mostrado viável e que deve ser considerada para auxiliar o desenvolvimento de polos produtivos.

## 2.6 REFERÊNCIAS

BRASIL - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2007. **cadeia de valor de flores e mel** / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura ; Antônio Márcio Buainain e Mário Otávio Batalha (coordenadores). – Brasília : IICA : MAPA/SPA, 2007.140 p. (Agronegócios ; v. 9). Disponível em: <[http://www.iica.org.br/docs/cadeiasprodutivas/cadeia\\_de\\_valor\\_de\\_flores\\_e\\_mel.pdf](http://www.iica.org.br/docs/cadeiasprodutivas/cadeia_de_valor_de_flores_e_mel.pdf)>. Acesso em 10 janeiro de 2014.

CASTÃN, J. **O setor de paisagismo em Santa Catarina**. In: AKI, A. (Ed.). Bússola da comercialização para produtores de ornamentais. Bandeirantes: Heliza Editora, 2002, p.129-132.

DURAND, T. L'alchimie de la compétence. **Revue Française de Gestion**, v.1, n.127, p.84-102, 2006. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-francaise-de-gestion-2006-1-page-261.htm>>. Acesso em 10 de março de 2015.

FAO. **Potential of commercial floriculture in Asia: opportunities for cut flower development** - Document Repository. Disponível em:

<<http://www.fao.org/docrep/005/ac452e/ac452e0c.htm>>. Acesso em 12 de novembro de 2014.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009. 175p.

IBRAFLOR - Instituto Brasileiro de Floricultura, 2014. **Números do setor**. Disponível em: <[http://www.IBRAFLOR.com/ns\\_mer\\_interno.php](http://www.IBRAFLOR.com/ns_mer_interno.php)>. Acesso em: 30 de abril de 2014.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância socioeconômica recente. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.14, n.1, p.37-52, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v14i1.230>>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. O setor produtivo de flores e plantas ornamentais do Brasil, no período de 2008 a 2013: atualizações, balanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v.20, n.2, p.115-120, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v20i2.727>>, Acesso em 20 de novembro de 2014.

JUNQUEIRA, C.P.; LIMA, J.F. Políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 29, n. 2, p. 159-176. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2008v29n2p159>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

LOTERO, J.; POSADA, H.; VALDERRAMA, D. La competitividad de los departamentos colombianos desde la perspectiva de la geografía económica. **Lecturas de economía**, Bogotá, v.71, n.1, p.107-140. Disponível em:<<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/lecturasdeeconomia/article/viewFile/4816/4235>>. Acesso em 21/10/2014.

MITSUEDA, N.C; DA COSTA, E.V; D'OLIVEIRA, P.S. Aspectos ambientais do agronegócio flores e plantas ornamentais. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, Maringá, v.4, n.1, p.9-20. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/rama/article/view/617/1183>>. Acesso em 20 de mar. de 2015.

NABSO, 2008. **Overwiel of the floricultural sector in Greater China, Vietnan and Thailand.** Disponível em:<<http://nabsokunming.nlmission.org/binaries/content/assets/postenweb/c/china/kunming/reports/overview-of-the-the-floricultural-sector-in-china-vietnam-and-thailand.pdf>>. Acesso em 20/11/2014.

OLIVEIRA, J.M.S.R.; GRZYBOVSKI, D.; SANTOS, A.C. Estratégia de competitividade do mercado de flores e plantas ornamentais: um estudo multifocal. **Conexão Ciência**, Formiga, v.6, n.2, p.144-164, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uniformg.edu.br:21011/periodicos/index.php/testeconexaociencia/article/vi>>

[ew/94](#)>. Acesso em 20 de março de 2015.

PEREIRA, J.P.C.N.; CARVALHO, M.M. Cooperação e localidade: uma análise no contexto do agronegócio de flores. **Produção**, São Paulo, v.18, n.1, p.195-209, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132008000100015>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

PEREIRA, J.P.C.N.; CARVALHO, M.M.; CAVALCANTI, M. Análise da competitividade do agronegócio de flores no Município de Holambra (SP) sob o enfoque da concentração geográfica de empresas – arranjos produtivos locais. **Administração em Diálogo**, São Paulo, v.1, n.6, p.61-74. 2004. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/view/683>>. Acesso em: 10 janeiro de 2015.

PORTER, M. **Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior**. Rio de Janeiro: Campus, 1991. 512p.

SILVA, M.S.; LOUREIRO, E.B.; GALDINO, L.K.A. 2011. **Evolução da floricultura no Estado de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/58.pdf>>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

### **CAPÍTULO 3. GESTÃO DA COMERCIALIZAÇÃO: IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DA CADEIA DE VALOR DE PLANTAS ORNAMENTAIS.**

#### **RESUMO**

Apresenta-se resultado de pesquisa sobre o impacto da gestão da comercialização na cadeia de valor de plantas ornamentais, utilizando Curitiba como estudo de caso, considerado o mercado de floricultura mais expressivo do Estado do Paraná. O mercado floricultor do Estado do Paraná ocupa o quinto lugar em volume de comercialização e sexto lugar em consumo *per capita* no ranking nacional. Entretanto, este Estado que iniciou a atividade de floricultura há quase 50 anos, não abriga um polo produtivo floricultor de destaque, apesar de condições ambientais adequadas para tal atividade. Desta forma, visando gerar subsídios para o melhor entendimento dos fatores determinantes deste cenário, buscou-se caracterizar a estrutura e funcionamento dos estabelecimentos comerciais de floricultura (varejo e atacado) e caracterizar as relações entre comerciantes e os demais elos da cadeia de valor. Frente à identificação das similitudes e divergências desta cadeia de valor ao observado em outras localidades do Brasil, discute-se o impacto do segmento de comercialização sobre a cadeia de valor de floricultura.

Palavras chave: floricultura, gestão comercial, atacadista, varejista, cadeia de valor.

### **CHAPTER 3. MARKETING MANAGEMENT: IMPACTS IN THE VALUE CHAIN DEVELOPMENT OF ORNAMENTAL PLANTS.**

#### **ABSTRACT**

It is presented the result of research on the impact of marketing management in the value chain of ornamental plants using Curitiba as a case study, it is considered the most expressive floriculture market in Paraná. The flower market in Paraná State ranks in the fifth place in volume of sales and sixth place in *per capita* consumption in Brazilian rank. However, this State which initiated the floriculture activity almost 50 years ago, it does not have a flower prominent productive center, despite the adequate environmental conditions for such activity. Thus, aiming to generate data for a better understanding of determinant factors of this scenario, it was sought to characterize the structure and operation of flowers commercial establishments (retail and wholesale) and characterize the relationship among retailers and the other value chain links. In order to identify the similarities and differences of this value chain comparing with was observed in other regions of Brazil, it is discussed the impact of the marketing segment on floriculture value chain.

Key words: flower market, marketing management, wholesaler, retailer, value chain.



### 3.1 INTRODUÇÃO

A instalação de sistemas produtivos deve ser fundamentada em informações que auxiliarão o planejamento e a sustentabilidade do investimento (FURLANETO; CANDIDO, 2006; HILSDORF, 2009; ORSOLIN; HAMER, 2014). Adicionalmente, a comercialização pode ser um dos gargalos para viabilização dos sistemas produtivos, principalmente os de pequeno porte, que necessitam de apoio efetivo para potencializar a inserção de seus produtos no mercado. Portanto, a análise da gestão da comercialização, sob o aspecto de visão de cadeia, possibilita compreender melhor o funcionamento e a relação entre os diferentes elos destas cadeias de valor (PEREIRA *et al.*, 2004; HILSDORF, 2009; ORSOLIN; HAMER, 2014).

Na busca de solução para esta problemática, a aplicação de técnicas prospectivas tem sido introduzida na pesquisa e na gerência do agronegócio e de suas cadeias de valor, sendo capaz de tornar mais precisa e eficaz a formulação de estratégias e a própria gestão da competitividade (FURLANETO; CANDIDO, 2006).

O mercado interno do setor floricultura brasileiro movimentou cerca 5,2 bilhões, em 2013, com crescimento estimado de 8 a 10%, em 2014 (IBRAFLOR, 2014). Considerado estratégico para o país, pois gera elevada renda por hectare, possibilita o uso de pequenas áreas, gera elevado número de empregos viabilizando a pequena propriedade rural (CORREA; PAIVA, 2009, JUNIOR; FERRAZ, 2012). O consumo *per capita* em torno de US\$ 12 ao ano, demonstra grande possibilidade de crescimento quando comparado a alguns países desenvolvidos onde o consumo pode variar de US\$ 100 a US\$ 400 ao ano (JUNQUEIRA; PEETZ, 2008; ROMERO; RESTREPO, 2011).

Apesar deste potencial o desenvolvimento a floricultura no Brasil ocorre de forma irregular, concentrada em alguns Estados e pouco desenvolvida ou inexistente em outros, apesar do potencial apresentado por diversas regiões brasileiras (IBRAFLOR, 2014).

Os motivos desta irregularidade ainda não são totalmente conhecidos. A falta de informações precisas sobre a cadeia de valor; a necessidade de qualificação da gestão das

relações e a inexistência de interação entre os agentes do setor são citados como principais motivos do baixo desenvolvimento da floricultura em alguns estados (CERATTI *et al.*, 2007; CORRÊA: PAIVA, 2009; OLIVEIRA *et al.*, 2011).

Neste contexto, apresenta-se resultado de pesquisa que visou analisar a gestão da comercialização de plantas ornamentais utilizando Curitiba como estudo de caso. Curitiba representa o mais expressivo mercado do Estado do Paraná, que ocupa o sexto lugar em volume de comercialização e nono lugar em consumo per capita no ranking nacional (IBRAFLOR, 2014). Entretanto, este Estado que iniciou a atividade de floricultura há quase 50 anos, não abriga um polo produtivo floricultor de destaque, apesar de condições ambientais adequadas para tal atividade. Desta forma, visando gerar subsídios para o melhor entendimento dos fatores determinantes deste cenário, buscou-se especificamente: caracterizar o funcionamento dos estabelecimentos comerciais de floricultura (varejo e atacado) e as relações entre comerciantes e os demais elos da cadeia de valor

Frente a identificação das similitudes e divergências desta cadeia de valor ao observado em outras localidades do Brasil, discute-se o impacto do segmento de comercialização sobre a cadeia de valor de floricultura no Estado do Paraná.

### **3.2 MATEIRAL E MÉTODOS**

A coleta de dados foi efetuada conforme indicado em GIL (2009), a partir de entrevistas semiestruturadas aplicadas a varejistas (março a julho de 2013) e atacadistas (junho a julho de 2014) e paralela observação direta nos respectivos estabelecimentos comerciais.

A identificação do universo amostral de varejistas foi realizada a partir de busca inicial na internet, utilizando-se como palavra-chave “floricultura” associada a Curitiba (PR). Neste processo, identificaram-se 94 estabelecimentos, os quais foram contatados via telefone para obtenção de informações preliminares sobre tempo de atuação e produtos comercializados. Deste universo, foram selecionados os estabelecimentos com mínimo de 10 anos de atuação

no mercado, visando avaliar aqueles com mais experiência e já consolidados no mercado. Adicionalmente, deu-se preferência aos estabelecimentos varejistas classificados como “garden center”, devido a estes potencialmente possuírem maior abrangência de mercado. No total, foram identificados 32 estabelecimentos com tais características, dos quais 25 se propuseram fornecer os dados para a pesquisa.

A identificação do universo amostral de atacadistas foi realizada a partir de consulta aos varejistas entrevistados na pesquisa. Neste processo, identificaram-se 12 estabelecimentos atacadistas, dos quais sete se propuseram fornecer os dados para a pesquisa.

A caracterização do funcionamento destes estabelecimentos incluiu a aplicação de técnicas de gerenciamento e controle empresariais, baseados em controle informatizado de vendas e gerenciamento de estoque; ações de marketing e organização da loja/escritório. Também foram avaliados: a fonte e logística de aquisição dos produtos; os serviços oferecidos pelos estabelecimentos avaliados; as plantas mais comercializadas; a existência de estoque destas plantas e variação de preços entre estabelecimentos.

Buscou-se identificar o tipo de relacionamento entre os distintos elos da cadeia de valor, especificamente entre: comerciantes varejistas e atacadistas (existência de alguma forma de associativismo); entre varejistas e atacadistas e produtores (detecção da procedência do material comercializado, critérios de escolha do fornecedor e de compra dos produtos) e entre varejistas e atacadistas e consumidores (existência de cadastro de consumidores, conhecimento do perfil do consumidor, estratégias de marketing e de divulgação do estabelecimento).

Em todos os níveis de relacionamento avaliados, averiguaram-se as principais dificuldades enfrentadas pelos comerciantes atacadistas e varejistas.

As informações relativas à estrutura, funcionamento e relações do comércio de plantas ornamentais, foram analisadas comparativamente ao reportado para este segmento em outras localidades brasileiras, a partir de revisão bibliográfica.

### 3.3 RESULTADOS

Funcionamento do comércio varejista e atacadista de floricultura em Curitiba.

Evidenciou-se que a totalidade dos estabelecimentos atacadistas utilizava recursos de tecnologia de informação e comunicação (TIC) apenas para controle e gerenciamento de vendas, não existindo registro detalhado de histórico de vendas, em relação a tipos e quantidades de produtos comercializados. Este investimento em TIC era menos frequente nos estabelecimentos varejistas (30%).

Quanto à fonte de obtenção dos produtos de venda, todos os estabelecimentos avaliados indicaram compra tanto direto de produtores quanto de atacadistas e centros de distribuição. Atacadistas buscam diretamente seus produtos nos fornecedores e varejistas, preferencialmente, compravam de fornecedores que lhes propiciassem a entrega.

Os produtos comercializados pelos atacadistas eram predominantemente plantas enquanto que varejistas além da venda de plantas comercializavam insumos. A assessoria e implantação de projetos paisagísticos, eram oferecidos por ambos os segmentos de comércio, com maior expressão nos estabelecimentos atacadistas.

O comércio de floricultura avaliado, de forma mais generalizada, estava focado em aproximadas 45 espécies preferenciais de compra. Os atacadistas atendiam um universo mais amplo de compradores, incluindo varejistas e outros profissionais prestadores de serviços na área de floricultura e paisagismo assim como o consumidor final. Os varejistas predominantemente atendiam o consumidor final.

Todos os estabelecimentos varejistas avaliados contavam com estoque das plantas mais comercializadas, setorizados por tipo, agrupados por espécie e tamanho. Não se observou estoque de plantas nos estabelecimentos atacadistas. Entretanto, a maioria destes estabelecimentos, mantinham áreas de estoque em suas unidades de comércio varejista (Figura 1).

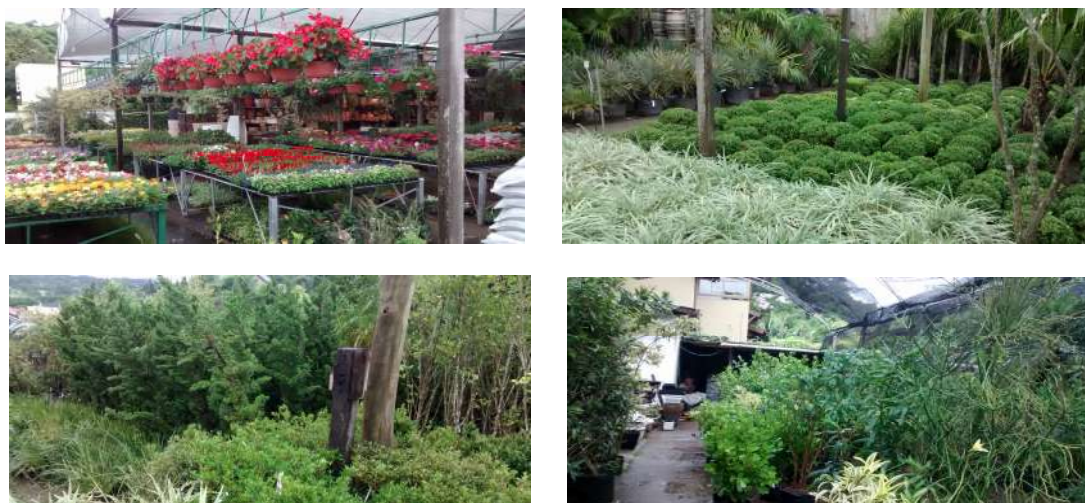


Figura 1 – Depósito de plantas em comércio varejista de Curitiba (foto: Muraro, D. 04/2013).

As observações realizadas diretamente nas unidades de comercialização evidenciaram a inexistência de formas de comercialização diferenciadas de produtos da floricultura que pudessem agregar valor aos produtos comercializados e atrair mais clientes ou melhorar o preço final do produto.

Registrou-se alta heterogeneidade nos preços praticados pelos estabelecimentos varejistas avaliados, considerando-se plantas semelhantes em tamanho e qualidade, podendo chegar a 100% de diferença. Esta diferença era bem mais reduzida no componente atacadista, variando no máximo em 40%.

Identificaram-se relações bastante complexas em relação ao comércio de floricultura avaliado, não seguindo a linearidade de uma cadeia de comercialização tradicional. Observou-se que as transações comerciais eram pluridirecionais, a partir do sistema produtivo (Figura 2). Nesta dinâmica, todos os elos da cadeia tinham contato comercial direto com o consumidor final.

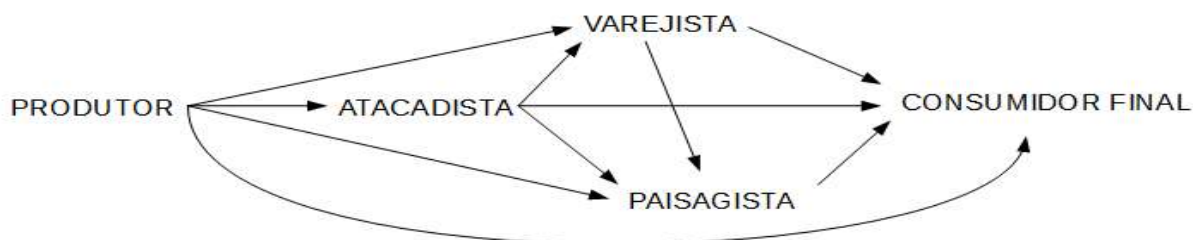


Figura 2 – Relações comerciais entre agentes da cadeia de valor de floricultura em Curitiba, PR (2014).

Dentro deste panorama pluridirecional, evidenciou-se sobreposição de papéis comerciais em vários estabelecimentos. Desta forma, dentre os estabelecimentos atacadistas avaliados, 86% possuíam unidade de comércio varejista e 71 % atuavam também na elaboração e execução de projetos de paisagismo. A totalidade destes estabelecimentos fornecia plantas diretamente para paisagistas clientes finais e construtoras da região, concorrendo com seus clientes varejistas. Registraram-se conflitos frequentes nesta dinâmica, especialmente no que se refere à formação final de preços. Não foi possível determinar os valores ou percentuais envolvidos nas transações comerciais entre os distintos agentes deste setor, bem como a quantidade e as espécies de plantas comercializadas entre estes agentes, dado a falta de controle preciso destes dados.

Não se registrou qualquer tipo de associativismo, cooperação ou interação direta, fora a interação comercial entre os agentes do setor comercial. Tampouco, identificou-se qualquer ação de planejamento estratégico tanto dentro de cada setor, quanto individualmente nos estabelecimentos avaliados.

Observou-se que não havia exclusividade quanto aos fornecedores nem quanto ao local de aquisição de plantas. A fidelização de fornecedores era primariamente associada à qualidade, preço e constância da oferta do produto fornecido. Como não havia contrato formal de fornecimento entre comerciantes e seus fornecedores, este era um mercado aberto à entrada de novos fornecedores que melhor atendessem estes requisitos. A totalidade dos entrevistados

afirmou que daria preferência a produtores locais, que atendessem estes requisitos, dado que a proximidade destes fornecedores facilitaria a logística de entrega.

Os fornecedores estavam atrelados a três polos de produção, que atendiam demandas bem específicas, sendo: São Paulo - flores de corte, flores envasadas e algumas forrações; Santa Catarina - plantas arbustivas para ajardinamentos externos e folhagens envasadas; Paraná - forração de jardins, poucas espécies de flores envasadas e poucas espécies arbustivas para ajardinamento externo. Diferentemente de São Paulo e Santa Catarina, cujos produtores estão associados às cooperativas de comercialização, no Paraná não se registrou uma central de distribuição de flores ou plantas ornamentais que atendessem os varejistas e atacadistas entrevistados.

No que se refere à relação dos estabelecimentos comerciais com os respectivos clientes, evidenciou-se que os atacadistas geralmente cadastravam seus clientes classificados como pessoa jurídica. Entretanto, não havia registro ou cadastro dos clientes enquanto pessoa física. Esta ausência de cadastro foi também evidenciada nos estabelecimentos de varejo.

Em relação ao investimento em estratégias de marketing, evidenciou-se que este era bastante reduzido no segmento atacadista (28,50%), e mais elevado no segmento varejista (88%). As estratégias mais comumente relatadas foram panfletos, folders ou faixas na própria loja, nestes casos geralmente associadas a datas comemorativas. Tanto atacadistas quanto varejistas informaram investir no layout de loja e promoções de plantas como estratégias de atração do cliente.

Quando questionados sobre as principais dificuldades do segmento comercial da floricultura, os varejistas apontaram a falta de mão de obra, principalmente a especializada. Para os atacadistas, a principal dificuldade relacionava-se à concorrência e desunião do setor.

Com relação à aquisição de plantas, o não atendimento às suas demandas de quantidade e qualidade foram as principais dificuldades relatadas pelos varejistas. A maioria dos atacadistas apontou estar satisfeito com o suprimento de plantas, exceto no que se refere à variedade de produtos ofertados.

### 3.4 DISCUSSÃO

A experiência global assim como a brasileira, no que se refere ao estabelecimento de polos produtivos, evidencia que o sucesso está sempre atrelado à boa interatividade entre os elos da cadeia de valor. Neste cenário, o associativismo e a cooperação são elementos-chave (SILVA; LEITÃO, 2009; PEREIRA; CARVALHO, 2008 ROMERO; RESTREPO, 2011), proporcionando o compartilhamento de informações que orientarão e direcionarão a cadeia de valor assim como viabilizarão sua competitividade (VASCONCELOS *et al.*, 2005; ORSOLIN; HAMER, 2014).

Nesta perspectiva, destaca-se o segmento comercial por estar diretamente em contato com os dois extremos da cadeia de valor – produtor e consumidor. Desta forma, tem maiores condições de gerar informações sobre demandas e tendências do setor, orientando a cadeia. No entanto, isto nem sempre se traduz em realidade. O desempenho deste papel depende da adequada gestão comercial, incluindo registro de informações de compra e venda de produtos. Adicionalmente, requer a visão integral da cadeia de valor e o reconhecimento da respectiva capacidade como segmento orientador desta cadeia (FURLANETO; CANDIDO, 2006; ORSOLIN; HAMER, 2014).

No segmento de comercialização de plantas ornamentais em Curitiba, percebeu-se que a cadeia de valor ao qual este segmento está atrelado, não apresentava esta interatividade. Ou seja, os distintos agentes da cadeia de valor agiam isolados e todos atuavam na venda direta ao consumidor, competindo entre si e reforçando a atuação individualizada e descoordenada da cadeia. Assim, em vez de englobar elos especializados e bem organizados, interligados, a cadeia de floricultura avaliada era caracterizada pelo oportunismo de elos desagregados, duplicidade de esforços e ineficiência.

Grande parte da eficiência de uma cadeia de valor está vinculada à linearidade no fluxo do produto que se inicia no fornecedor de insumos, passando pela produção e distribuição através do comércio atacadista que abastece o comércio varejista que por sua vez alcança o consumidor final. Neste processo, cada agente se especializa e se limita às atividades inerentes ao seu setor, buscando qualidade e eficiência produtiva (FURLANETO;



CANDIDO, 2006; RODRIGUES, 2012; MDIC, 2014). Este modelo de cadeia de valor tem se mostrado eficiente no desenvolvimento de vários setores do agronegócio inclusive na floricultura, sendo recorrente em vários países onde a floricultura se estabeleceu e também em estados brasileiros onde a floricultura é mais desenvolvida (PEREIRA; CARVALHO, 2008; REID *et al.*, 2009).

A governança da cadeia de valor nestes locais está sob a tutela das cooperativas e associações atuantes principalmente no setor de comercialização e também, de forma crescente, através da coordenação direta por grandes compradores globais (SILVA; LEITÃO, 2009; RAMOS, 2012). Estes repassam ao setor produtivo informações obtidas junto ao cliente orientando a produção de acordo com as variações e tendências de mercado, proporcionando uma melhor competitividade ao setor.

Evidencia-se assim o papel de destaque do segmento comercial como principal influenciador no desenvolvimento da cadeia de valor. O bom desempenho deste papel está fundamentado no reconhecimento por parte deste setor de sua respectiva capacidade de governança da cadeia (SOUZA; NETO, 2009; ORSOLIM: HAMER, 2014). Também se fundamenta na capacidade de conhecimento do mercado com relação as suas demandas e tendências futuras e na interatividade com os demais elos da cadeia de valor. Estas interações permitem o repasse de informações, o planejamento e o desenvolvimento de ações conjuntas entre todos os agentes da cadeia de valor. Facilita também a representatividade necessária para exigir dos agentes públicos a criação de políticas que auxiliem o desenvolvimento do setor. Em países onde a floricultura se estabeleceu com sucesso, tais ações do setor comercial constituíram e sustentaram a base do seu desenvolvimento (REIDI *et al.*, 2009; FAO, 2014)

No entanto, infelizmente, esta dinâmica não foi observada na região estudada. Ressalta-se que este comportamento do segmento comercial de floricultura não é exclusivo de Curitiba. Avaliações similares efetuadas no Rio Grande do Sul (SEBRAE/RS, 2003), Rio de Janeiro (LÍRIO; SILVA, 2003), Minas Gerais (LANDGRAF & PAIVA, 2010), Distrito Federal (SEBRAE/DF, 2007), Espírito Santo (SEBRAE/ES, 2007), Pará (SEBRAE/PA, 2006) e estados do Nordeste (OLIVEIRA *et al.*, 2011), evidenciam este mesmo comportamento em cadeias de valor pouco desenvolvidas.

Na cadeia estudada, não evidencia-se qualquer ação do segmento de comercialização no sentido de prover orientações à base produtiva. Identificou-se que um dos principais limitantes desta ação era a falta de gerenciamento adequado das informações de compra e venda. Desta forma, o comerciante atuava de forma isolada, buscando apenas atender suas demandas específicas, sem conectividade estratégica com os demais elos da cadeia de valor, fator que dificulta o planejamento e sustentabilidade em longo prazo (FURLANETO; CANDIDO, 2006).

Também não havia um gerenciamento adequado com relação à geração de informações sobre perfil dos clientes e demandas de mercado, fato que dificultava seu entendimento, bem como o investimento em campanhas de marketing direcionado a clientes e para produtos específicos. A falta de investimento em marketing que continuamente informe e influencie o cliente sobre produtos e serviços específicos de determinado setor, acaba criando a possibilidade de aquisição de itens substitutos gerando queda na demanda (KOTLER; KELLER, 2012).

Um dos fatores que contribuíam para o gerenciamento inadequado de informações e desenvolvimento de campanhas de marketing específico, era a precariedade no uso correto da tecnologia da informação e comunicação. Somado a isso, a falta de repasse destas informações criava debilidades no setor produtivo local visto que não permitia um planejamento adequado, bem como dificultava o entendimento das exigências em qualidade e quantidades demandadas pelo mercado.

Esta forma de atuação registrada no comércio da floricultura estudada é conflitante com os conceitos de organização, planejamento e desenvolvimento de cadeias de valor (RODRIGUES, 2012; MDIC, 2014) e prejudica seu desenvolvimento. Não havendo entendimento e interações entre os agentes da cadeia de valor, há maior dificuldade em investimentos em marketing de forma conjunta e mais ampla, visando aumentar o consumo de produtos da floricultura, fundamental para desenvolvimento do setor (LANDGRAF; PAIVA, 2010; FAO, 2014).

Todos estes fatores demonstram que o segmento estudado não possuía a visão do setor floricultura como uma cadeia de valor, bem como desconhece as vantagens que esta pode

propiciar. Também não tem a compreensão da sua respectiva capacidade de governança dentro da cadeia de valor local, no sentido de: gerar informações consistentes sobre o mercado, orientar os demais agentes de acordo com as demandas de mercado, propor ações em conjunto para aumento do consumo e capitanear esforços no sentido de reivindicar junto às instituições governamentais a criação de políticas de apoio ao setor, como treinamento de mão de obra e organização de uma central de distribuição, dentre outros.

O objetivo final da cadeia de valor é produzir um bem ou serviço que gere valor ao cliente final, e benefício a todos os agentes envolvidos, facilitando processos e direcionando investimentos (MDIC, 2014). Ressalta-se que o entendimento de cadeias de valor ainda se traduz em algo novo e pouco explorado em países em desenvolvimento, principalmente no agronegócio (WEI, 2014). Desta forma a visão do setor como uma cadeia e seu entendimento precisa ser internalizada nos comerciantes para que estes compreendam a importância da melhoria nos seus processos de gestão empresarial. Esta melhoria na gestão deve focar em: geração e repasse de informações sobre mercado, associativismo, ações em conjunto para introdução de novas espécies, formatos, tamanhos e forma de colocação no mercado, investimentos conjuntos em marketing visando aumentar a demanda e união do setor para influenciar a geração de políticas públicas.

### **3.5 CONCLUSÃO**

A gestão de comercialização atual do setor de floricultura não atende as especificidades requeridas para garantir uma adequada estruturação e sustentabilidade da cadeia de valor de floricultura no Estado do Paraná.

As similitudes deste estudo de caso em relação a outros estudos similares permitem inferir que esta situação se repete em outras localidades brasileiras, reforçando o padrão em polos produtivos pouco desenvolvidos.

### 3.6 REFERENCIAS

CERATTI, M.; PAIVA, P.D.O.; SOUSA, M.; TAVARES, T.S. Comercialização de flores e plantas ornamentais no segmento varejista no município de Lavras/MG. **Ciência e Agrotecnologia**, Lavras, v.31, n.4, p.1212-1218, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-70542007000400040>>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

FAO. **Potential of commercial floriculture in Asia: opportunities for cut flower development** - **Document Repository**. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/005/ac452e/ac452e0c.htm>>. Acesso em 12 de novembro de 2014.

FURLANETTO, E.L.; CÂNDIDO, G.A. Metodologia para estruturação de cadeias de suprimentos no agronegócio: um estudo exploratório. **Revista Brasileira Engenharia Agrícola Ambiental**, Campina Grande, v.10, n.3, p.772-777, jul./set. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-43662006000300034>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009. 175p.

HILSDORF, W.C. et al. Integração de processos na cadeia de suprimentos e desempenho do serviço ao cliente: um estudo na indústria calçadista de franca. **Gestão da Produção, São Carlos**, v.16, n.2, p.32-244, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-530X2009000200007>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

IBRAFLOR - Instituto Brasileiro de Floricultura, 2014. **Números do Setor**. Disponível em: <[http://www.IBRAFLOR.com/ns\\_mer\\_interno.php](http://www.IBRAFLOR.com/ns_mer_interno.php)>. Acesso em: 30 de abril de 2014.

JÚNIOR; B.A.; FERRAZ, A.C. Método de identificação no grau de gestão nas atividades de produção de flores de corte. **Horticultura Brasileira**, Campinas, v.30, n.3, p. 531-538, set. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-05362012000300029>>. Acesso em: 10 janeiro de 2015.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância socioeconômica recente. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.14, n.1, p.37-52, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v14i1.230>>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. O setor produtivo de flores e plantas ornamentais do Brasil, no período de 2008 a 2013: atualizações, balanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.20, n.2, p.115-120, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v20i2.727>>, Acesso em 20 de novembro de 2014.

KOTLER, P.; KELLER, K. **Marketing Management**. New Jersey: Prentice-Hall, 2012. 816p. Vol. 14.

LANDGRAF, P.R.; PAIVA, P.D. Exportação de flores e plantas ornamentais no Estado de

Minas Gerais. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.16, n.2, p.160-164, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v16i2.557>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

LIRIO, V.S.; SILVA, C.A.B.; REIS, B.S.; AGUIAR, D.R.D.; STRINGHETA, A.C. Uma análise do setor de distribuição de flores e plantas ornamentais no Estado do Rio de Janeiro. **Revista de Economia e agronegócio**, Viçosa, v.1, n.2, p. 257-282. 2003. Disponível em: <<http://ageconsearch.umn.edu/handle/56834>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2014.

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, **2014 Cadeia Produtiva**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=2&menu=3252>>. Acesso em: 22 de setembro de 2014.

OLIVEIRA, J.M.S.R.; GRZYBOVSKI, D.; SANTOS, A.C. Estratégia de competitividade do mercado de flores e plantas ornamentais: um estudo multifocal. **Conexão Ciência**, Formiga, v.6, n.2, p.144-164, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uniformg.edu.br:21011/periodicos/index.php/testeconexaociencia/article/view/94>>. Acesso em 20 de março de 2015.

ORSOLIN, J.; HAMER, E. **Gestão da comercialização na cadeia agroindustrial familiar do açúcar mascavo**. Disponível em <<http://www.sober.org.br/palestra/12/01O014.pdf>>. Acesso em: 28 de agosto de 2014.

PEREIRA, J.P.C.N.; CARVALHO, M.M. Cooperação e localidade: uma análise no contexto do agronegócio de flores. **Produção**, São Paulo, v.18, n.1, p.195-209, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132008000100015>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

PEREIRA, J.P.C.N.; CARVALHO, M.M.; CAVALCANTI, M. Análise da competitividade do agronegócio de flores no Município de Holambra (SP) sob o enfoque da concentração geográfica de empresas – arranjos produtivos locais. **Administração em Diálogo**, São Paulo, v.1, n.6, p.61-74. 2004. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/view/683>>. Acesso em: 10 janeiro de 2015.

RAMOS, J.C.S., 2012. **Virtualization of quality oriented supply chain networks in the Dutch floriculture**. Disponível em: <[doi:10.1016/j.compag.2013.09.006](https://doi.org/10.1016/j.compag.2013.09.006)>. Acesso em: 08 de novembro de 2014.

REID, N.; SMITH, B.W; GATRELL, J.D; CARROLL, M.C. importing change: Canadian competition and the U.S. floriculture industry. **The Industrial Geographer**, Ephraim, v.6, n.1, p. 3-19. 2009, Disponível em: <<http://igeographer.lib.indstate.edu/reidv61.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2014.

RODRIGUES, M.V.C. **Ações para a qualidade: gestão estratégica e integrada para a melhoria dos processos na busca da qualidade e competitividade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 427p.

ROMERO, D.H.S.; RESTREPO, I.M.E. Perfil competitivo local como factor determinante para el desarrollo de la floricultura em Madrid (Cundinamarca). **Investigación e reflexión**, Bogotá, v.19, n.2, p.25-43. 2011. disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/8180/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

SEBRAE/DF. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2007. **Plano de Desenvolvimento do APL de flores e plantas ornamentais do Distrito Federal e entorno**. Disponível em: <[http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl\\_1248268202.pdf](http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1248268202.pdf)>. Acesso em 21 de novembro de 2013.

SEBRAE/ES. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2007. **A cadeia de valor da floricultura no Estado do Espírito Santo**. Disponível em: [http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/2121BE3B85239CAD832573FB0069C115/\\$File/NT0003752E.pdf](http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/2121BE3B85239CAD832573FB0069C115/$File/NT0003752E.pdf). Acesso em: 20 de setembro de 2014.

SEBRAE/PA, 2006. **Perfil da cadeia de valor de flores e plantas ornamentais da mesorregião metropolitana de Belém**. Disponível em: <[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/98ade5ef58292e9e8325726e005a5532/4f8048f06ca79b1f03257222004fb603/\\$FILE/NT000B5D02.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/98ade5ef58292e9e8325726e005a5532/4f8048f06ca79b1f03257222004fb603/$FILE/NT000B5D02.pdf)>. Acesso em: 20 de setembro de 2014.

SEBRAE/RS. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2003. **Diagnóstico da cadeia de valor de flores e plantas ornamentais do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/311567070DCEA48C032572170054A774/\\$File/NT000B578E.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/311567070DCEA48C032572170054A774/$File/NT000B578E.pdf)>. Acesso em 22 de dezembro de 2014.

SILVA, F.C.; LEITÃO, M.R.F.A. Extensão rural e floricultura tropical para o desenvolvimento local: a cooperação no processo de inclusão competitiva dos agricultores familiares em Pernambuco. **Interações**, Campo Grande, v.10, n.1, p.9-19, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1518-70122009000100002>>. Acesso em 10 de dezembro de 2014.

SOUZA, R.C.; NETO, J.A. As transações entre supermercados europeus e produtores brasileiros de frutas frescas. **Gestão da Produção, São Carlos**, v.16, n.3, p.489-501. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-530X2009000300014>>. Acesso em 20 de março de 2014.

VASCONCELOS, M.C.R.B; MILAGRES, R.; NASCIMENTO, E. Estratégia de relacionamento entre os membros da cadeia de valor no Brasil: reflexões sobre o tema. **Gestão da Produção, São Carlos**, v.12, n.3, p.393-404. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-530X2005000300009>>. Acesso em 20 de janeiro de 2013.

WEI, S.; JOYCE, D.; SAR, S.; BOAS-SINGOMAT, N., 2014. **Developing floricultural supply-chain strategies—Papua New Guinea case study**. Australian Centre for International Agricultural Research. Disponível em: <<http://aci-ar.gov.au/files/pr141/paper-7.html>>. Acesso em 20 de março de 2014.

## **CAPÍTULO 4. INFLUÊNCIA DO PAISAGISTA NO DESENVOLVIMENTO DA CADEIA DE VALOR DA FLORICULTURA NO PARANÁ.**

### **RESUMO**

A produção de plantas ornamentais no Brasil está distribuída em polos produtivos muito heterogêneos, com alto desenvolvimento e concentração produtiva de alguns e baixo crescimento produtivo em outros. O baixo crescimento ocorre em várias regiões, apesar de estas apresentarem significativa demanda e possibilidades de ganhos superiores com produção de plantas ornamentais em relação a outros tipos de cultivos agrícolas desenvolvidos nestas regiões. Visando gerar informações que possam contribuir com o planejamento de ações para o desenvolvimento de polos produtivos de plantas ornamentais, através de entrevistas semiestruturadas realizadas com paisagistas, identificou-se a influência destes profissionais no desenvolvimento deste setor. Observou-se que os profissionais do paisagismo influenciam positivamente o desenvolvimento do setor produtivo através da sua capacidade em promover aumento de demanda e negativamente devido ao baixo uso de plantas nativas e baixa interação com os produtores.

Palavras-chave: Plantas ornamentais. Paisagismo. Floricultura. Polo produtivo. Associativismo.

## **CHAPTER 4. LANDSCAPER'S CONTRIBUTION TO THE DEVELOPMENT OF FLORICULTURE VALUE CHAIN IN PARANÁ STATE, BRAZIL**

### **ABSTRACT**

The production of ornamental plants in Brazil is distributed in a very heterogeneous production centers, with high development and production concentration of some and low productivity growth in others centers. The low growth occurs in various regions, although these have shown significant demand and possibilities of higher earnings with production of ornamental plants in relation to other kinds of agricultural crops developed in these regions. Aiming to generate information that can contribute to the actions planning to develop production centers of ornamental plants, using semi-structured interviews with landscapers, it was identified the influence of these professionals in the development of this sector. It was observed that the landscaping professionals have positive influence in the development of this productive sector through its ability to promote the increment of the demand and but sometimes in a negative way due to indicate the low use of native plants and low interaction with producers.

Keywords: Ornamental plants. Landscaping. Floriculture. Productive Center. Associations.



## 4.1 INTRODUÇÃO

A produção de plantas ornamentais no Brasil está distribuída em polos produtivos muito heterogêneos, com alto desenvolvimento e concentração produtiva de alguns e praticamente estagnação de outros (JUNQUEIRA: PEETZ, 2014; IBRAFLOR, 2014). A região Sudeste do País, com forte influência Holandesa e Japonesa, foi pioneira no desenvolvimento do setor, com produção de flores de corte, envasadas e para paisagismo (JUNQUEIRA: PEETZ, 2008; PEREIRA; CARVALHO, 2008). Recentemente o crescimento econômico nacional propiciou que a região Nordeste do País também alavancasse um polo produtivo de sucesso, este voltado ao mercado internacional de flores de corte (OLIVEIRA; BRAINER, 2007; SILVA; LEITÃO, 2009; VIEIRA *et al.*, 2014).

No Sul do País, outros polos produtivos com alvo na produção de plantas para jardim desenvolveram-se nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (SEBRAE/RS, 2003; JUNQUEIRA: PEETZ, 2014; SILVA *et al.*, 2011). O que não se consegue compreender é porque no Estado do Paraná, próximo a uma das principais capitais do país, conhecida como Capital Ecológica, com extensos parques e áreas verdes e tradicional hábito de cultivo de jardins residenciais, a produção de plantas ornamentais para paisagismo não consegue se expandir (SEAB-PR, 2013).

Soma-se a isso o fato de que área cultivada com plantas ornamentais proporciona rentabilidade muito superior à rentabilidade de *commodities* agrícolas (BRASIL, 2007), comumente produzidos nesta região. Desta forma quase a maioria do produto comercializado localmente provém de polos produtivos localizados nos Estados de São Paulo e Santa Catarina, ver JUNQUEIRA: PEETZ (2008), Brasil (2007).

Dentre os diversos agentes envolvidos na cadeia de valor da floricultura que podem ter papel determinante no seu desenvolvimento, analisou-se a forma de atuação dos paisagistas e suas relações com os produtores. Visou-se identificar a influência destes no desenvolvimento do setor de produção desta cadeia no Estado do Paraná. Tais informações podem orientar o

planejamento de ações para o desenvolvimento dos polos produtivos da floricultura tanto neste Estado quanto em outros locais.

## **4.2 MATERIAL E MÉTODOS**

Este estudo foi realizado em Curitiba capital do Estado do Paraná detentor da maior concentração populacional do Estado do Paraná, superior a 1,75 milhão de habitantes, que apresentam renda per capita em torno de R\$ 33,2 mil ao ano e IDHM muito alto (0,823) (IBGE, 2014). A coleta de dados foi efetuada conforme indicado em GIL (2009), a partir de entrevistas aplicadas aos paisagistas entre março e agosto de 2014. A metodologia de identificação de entrevistados buscou selecionar empresas de paisagismo atuantes exclusivamente na elaboração e implantação de projetos e com experiência consolidada no mercado. A identificação destas foi realizada a partir de busca inicial na internet, utilizando-se como palavra-chave “paisagismo” associada a Curitiba (PR).

Neste processo, identificaram-se setenta e nove empresas, as quais foram contatadas via telefone para sua caracterização. Dentre estas foram excluídas as que atuavam há menos de dez anos no mercado e também as que além de realizarem projetos de paisagismo possuíam algum tipo de comércio de plantas ornamentais. No total, foram identificadas 17 empresas de paisagismo com as características acima descritas, das quais oito paisagistas proprietários se dispuseram a colaborar com o estudo.

Investigou-se, durante as entrevistas, a abrangência da atuação do paisagista, tipos de projetos paisagísticos realizados e estilos de jardins implantados, bem como fatores determinantes para a escolha das plantas utilizadas no projeto. Para caracterização das interações entre os agentes envolvidos foram abordados a contribuição do cliente na elaboração do projeto; procedência das plantas ornamentais; principais fatores utilizados na escolha dos fornecedores de plantas ornamentais; formas de relacionamento comercial (existência de contratos, troca de informações, formas de cooperação).

### 4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à abrangência da atuação do paisagista, todos os entrevistados realizavam projetos tanto para pessoas físicas quanto jurídicas, em escala local e nacional. A maioria dos paisagistas (87,5%), não tinha preferência por nenhum estilo de projeto paisagístico, sendo que realizavam vários estilos de projetos paisagísticos com frequentes variações e busca por inovações. Se não houvesse essa constante variação e consequente busca de inovação, a repetição de projetos poderia contribuir para a estagnação do consumo. De forma contrária, projetos inovadores contribuem para a criação de um visual diferenciado. O visual influencia o comportamento do consumidor afetando suas decisões na hora da escolha e aquisição de produtos ou serviços, bem como pode criar desejos de consumo inexistentes anteriormente (BLACKWELL *et al.*, 2006; URDAN; URDAN, 2010; KOTLER; KELLER, 2012). Este processo leva o consumidor a comprar um determinado produto que não conhecia, despertando o reconhecimento de uma necessidade antes não percebida (CHURCHILL, 2000). Isto demonstra que o trabalho do paisagista na elaboração de seus projetos pode estar contribuindo para o aumento da demanda e consequentemente pode refletir no desenvolvimento da produção local.

O paisagismo na atualidade está diretamente associado à valorização do imóvel e qualidade de vida (ARAÚJO, *et al.*, 2011; GENGO E HENKE, 2012). Desta forma o trabalho do paisagista é de fundamental importância na cadeia de valor da floricultura, pois permite associar as espécies em combinações harmônicas que tornam mais belas e funcionais às edificações e locais a elas associadas. Sem o trabalho do paisagista, grande parte dos cidadãos certamente não teria habilidades e conhecimento suficientes para adequar as plantas ornamentais ao seu espaço de convívio, criando possibilidades de uso de produtos substitutos às plantas no paisagismo, consequentemente diminuindo a demanda (MURARO *et al.*, 2015).

Dentre os fatores determinantes para escolha de plantas, todos os paisagistas afirmaram que preferem plantas de maior adaptação ao clima e às pragas e doenças de modo que necessitem de menor manutenção e mantenham o formato por longos períodos. Atendendo a estes critérios as plantas utilizadas eram adquiridas em vários polos produtivos,

com predominância de aquisição nos estados de São Paulo e Santa Catarina. Apenas 25% dos entrevistados afirmaram dar preferências por plantas nativas. Isto concorda com JUNQUEIRA: PEETZ (2008), que constataram que a despeito da enorme riqueza da flora do País, o consumo de flores e plantas ornamentais concentra-se numa reduzidíssima pauta de produtos, praticamente indistinta desde o Sul até o Norte do Brasil e entre a maioria das relatadas por estes autores, de procedência exótica. Isto dificulta o desenvolvimento da produção local, pois gera concorrência com outros polos mais desenvolvidos (MURARO *et al.*, 2015), os quais apresentam, muitas vezes, custos de produção e preços inferiores, com qualidade e quantidade produzida superiores à dos polos locais ainda em desenvolvimento. Isto explica, em parte, o porquê de o abastecimento de plantas ornamentais no Paraná, em sua maior parte, provir de outros estados brasileiros (JUNQUEIRA: PEETZ, 2008; BRASIL 2007).

Quanto às formas de relacionamento comercial, na totalidade das respostas não ocorriam nenhuma forma de cooperativismo ou contratos formais entre produtores e paisagistas. A compra era balizada principalmente em qualidade dos produtos fornecidos, citada por 75% dos paisagistas e capacidade de entregar o produto na obra no momento desejado, citadas por 37,50% destes.

A falta de contratos formais com os produtores locais, aliada à facilidade de acesso à informação proporcionada pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC), permitia negociar com produtores de outras regiões do país, onde existem polos mais desenvolvidos e com produção em escala, gerando concorrência com polos locais menos desenvolvidos, prejudicando seu desenvolvimento.

Embora houvesse consciência por parte de todos os paisagistas entrevistados sobre este fator, a formação de contratos se mostrava inviável, dado que a totalidade dos paisagistas entrevistados buscava adequação ao estilo solicitado pelo cliente. Isto fazia com que a cada momento a demanda deste profissional por espécies fosse diferenciada. Embora o número de espécies cultivadas destinadas ao paisagismo fosse reduzido no Brasil (JUNQUEIRA: PEETZ, 2008), o tamanho, formato e quantidade de plantas em cada projeto sofriam

variações, resultando em ausência de compromisso de compra com o produtor. Desta forma, a incerteza da demanda afetava o processo produtivo.

Nesta dinâmica, também ocorriam ocasiões em que apesar de cultivar a espécie demandada, esta não atendia as exigências pontuais do paisagista em tamanho, forma ou quantidade. Esta impossibilidade de manter um compromisso de compra gerava incertezas e influenciava negativamente o desenvolvimento de polos produtivos da floricultura no Paraná. Também favorecia a entrada de novos produtores no mercado, e permitia que produtores de polos mais distantes e mais desenvolvidos pudessem suprir as demandas, aumentando a concorrência, constituindo-se em mais uma das razões pelas quais a produção local de plantas ornamentais para paisagismo não se expandia, conforme evidenciado em Muraro *et al.* (2015).

A falta de cooperação também interferia na troca de informações sobre mercado entre paisagistas e produtores. Esta não ocorria em 87,50% dos casos. A falta de repasse destas informações sobre mercado prejudicava o desenvolvimento de polos produtivos locais, uma vez que tais informações poderiam orientar a base produtiva sobre as demandas de mercado com relação à quantidade e qualidade da produção, melhorando a competitividade de produtores locais. Verificou-se que, contrariamente ao observado em países onde este setor é mais desenvolvido, esta troca de informações representava um importante fator que favorecia o desenvolvimento (RAMOS, 2012). Também no Brasil verificou-se a ocorrência de polos desenvolvidos onde as informações sobre mercado eram repassadas pela cooperativa a qual estavam associados, orientando a produção e garantindo o sucesso destes polos produtivos (PEREIRA; CARVALHO, 2008).

Além deste fluxo de informações, os polos produtivos mais desenvolvidos conseguiam se planejar e influenciar, mediante ações publicitárias, as tendências de moda que geram as demandas ao longo da cadeia de comercialização de plantas ornamentais (Figura 1). Isto, por ser oneroso, só era possível mediante o associativismo entre produtores, como ocorria, por exemplo, na cooperativa Veilling Holambra, criada por produtores do mais importante polo produtivo do Brasil, que realizava anualmente a EXPOFLORA (EXPOFLORA, 2015) e nas associações APROESC (Associação dos Produtores de Plantas Ornamentais de Santa Catarina) e PROPLANT (Associação dos Produtores de Plantas Ornamentais de Corupá) que realizavam anualmente a FECAPLAN (FECAPLAN, 2015). Isto também se verificava internacionalmente onde a demanda por plantas ornamentais em mercados emergentes era influenciada através do marketing realizado por empresas globais deste setor (WEI *et al.*, 2013; FAO, 2014).



Figura 1 – Eventos para divulgação e comercialização de flores e plantas ornamentais (foto: Web, 2015)

O fortalecimento dos polos mais desenvolvidos permite a estes produtores uma produção em maior escala, possibilitando investimento em tecnologia produtiva, que possibilita a melhoria de qualidade, melhorando ainda mais o atendimento ao cliente, criando um ciclo virtuoso de desenvolvimento destes polos produtivos, conforme evidenciado por Muraro *et al.* (2015).

A ausência de interações e associativismo entre os paisagistas e entre estes e os produtores verificada no Paraná, era um dos fatores que dificultava qualquer tipo de planejamento produtivo ou de ações visando influenciar as tendências. Desta forma, os paisagistas paranaenses também acabavam influenciados pelas ações de marketing dos polos mais desenvolvidos. Neste contexto, buscavam as inovações em plantas observadas naqueles locais, junto aos produtores paranaenses. Estes por não terem repasse de informações e orientação produtiva, muitas vezes não atendiam as demandas dos paisagistas, que por sua vez voltavam buscar nos polos mais desenvolvidos. Porém, a procura por estas novas espécies estimulava os produtores locais a iniciar seu cultivo, tornando-se seguidores tardios dos polos produtivos mais desenvolvidos, perdendo sua competitividade, frente a estes polos.

#### **4.4 CONSIDERAÇÕES**

Os profissionais do paisagismo influenciam o desenvolvimento do setor produtivo da floricultura, uma vez que através de seu conhecimento e sua constante busca de inovações para atender as demandas do cliente, acabam gerando projetos diferenciados que causam impacto visual e resultam no aumento da demanda por plantas ornamentais. Por outro lado a falta de maior interação dos paisagistas para com os produtores no sentido de troca de informações e de ações em conjunto para influenciar e desenvolver a demanda acabam influenciando negativamente o desenvolvimento do setor produtivo no Estado do Paraná.

O desenvolvimento de ações conjuntas e o repasse de informações entre o paisagista e o produtor, são ações que podem fomentar o maior desenvolvimento de polos produtivos da floricultura no Estado do Paraná.

#### 4.5 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G.P.; VASCONCELOS, J.N.S.; ALMEIDA, S.A.; ALMEIDA, J.A.; FERREIRA, G. A qualidade de vida nas cidades a partir da gestão ambiental e da disposição do paisagismo urbano: A cidade de Araguaina (to) em perspectiva. **Revista Querubim**, Niterói, v.1, n.15, p.111-118, 2011. Disponível em: <[http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/z\\_querubim\\_15\\_2011\\_vol\\_1.pdf#page=111](http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/z_querubim_15_2011_vol_1.pdf#page=111)>. Acesso em: 20 jan 2015.

BLACKWELL, R.D.; ENGEL, J.F.; MINIARD, P.W. **Consumer behavior**. Ohio: South Wester, 2006. 832p.

BRASIL - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2007. **Cadeia de valor de flores e mel** / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura ; Antônio Márcio Buainain e Mário Otávio Batalha (coordenadores). – Brasília : IICA : MAPA/SPA, 2007.140 p. (Agronegócios ; v. 9). Disponível em: <[http://www.iica.org.br/docs/cadeiasprodutivas/cadeia\\_de\\_valor\\_de\\_flores\\_e\\_mel.pdf](http://www.iica.org.br/docs/cadeiasprodutivas/cadeia_de_valor_de_flores_e_mel.pdf)>. Acesso em 10 janeiro de 2014.

CHURCHILL, G. A. J.; PETER, J. P. **Marketing: criando valor para os clientes..** São Paulo: Saraiva, 2005. 626p.

EXPOFLORA, 2015. **34° EXPOFLORA. Mostra de paisagismo e jardinagem**. Disponível em: <<http://www.gardendesignbrasil.com.br/>>. Acesso em: 06 de junho de 2015.

FAO. **Potential of commercial floriculture in Asia: opportunities for cut flower development - Document Repository**. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/005/ac452e/ac452e0c.htm>>. Acesso em 12 de novembro de 2014.

FECAPLAN. **Feira catarinense de flores e plantas ornamentais**. Disponível em: <<http://www.fecaplant.com.br/site/index.php>>. Acesso em: 20 de junho de 2015.

GENGO, R.C.; HENKES, J.A. A utilização do paisagismo como ferramenta na preservação e melhoria ambiental em área urbana. **Revista Gestão e Sustentabilidade Ambiental**, Florianópolis, v.1, n.2, p.5-81, out. 2012. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/gestao\\_ambiental/article/view/1206](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/gestao_ambiental/article/view/1206)>. Acesso em 20 jan. 2015.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009. 175p.



IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Paraná – Curitiba – síntese das informações.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=410690>>. Acesso em 02 de março de 2015.

IBRAFLOR - Instituto Brasileiro de Floricultura, 2014. **Números do Setor.** Disponível em: <[http://www.IBRAFLOR.com/ns\\_mer\\_interno.php](http://www.IBRAFLOR.com/ns_mer_interno.php)>. Acesso em: 30 de abril de 2014.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância socioeconômica recente. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.14, n.1, p.37-52, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v14i1.230>>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. O setor produtivo de flores e plantas ornamentais do Brasil, no período de 2008 a 2013: atualizações, balanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas v.20, n.2, p.115-120, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v20i2.727>>, Acesso em 20 de novembro de 2014.

KOTLER, P.; KELLER, K. **Marketing Management**, New Jersey: Prentice-Hall, 2012. 816p. Vol. 14.

MURARO, D.; NEGRELLE, R.R.B.; CUQUEL, F.L. Plantas ornamentais no Paraná: subsídios para o desenvolvimento do setor produtivo. Inédito.

MURARO, D.; NEGRELLE, R.R.B.; CUQUEL, F.L. Fatores associados ao desenvolvimento e sustentabilidade de polos produtivos da floricultura no Brasil. Inédito.

OLIVEIRA, A.A.P.; BRAINER, M.C.P. **Floricultura: caracterização e mercado.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. 180 p. – (Série Documentos do ETENE, n. 16). Disponível em: <[http://www.bnb.gov.br/projwebren/exec/livroPDF.aspx?cd\\_livro=61](http://www.bnb.gov.br/projwebren/exec/livroPDF.aspx?cd_livro=61)>. Acesso em: 10 de março de 2015.

PEREIRA, J.P.C.N.; CARVALHO, M.M. Cooperação e localidade: uma análise no contexto do agronegócio de flores. **Produção**, São Paulo, v.18, n.1, p.195-209, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132008000100015>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

RAMOS, J.C.S. 2012. **Virtualization of quality oriented Supply Chain networks in the Dutch floriculture.** Disponível em: <<http://www.tuinbouw.nl/sites/default/files/D33c%20Virtualisation%20technologies.pdf>>. Acesso em 08 de novembro de 2014.

SEAB-PR - Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento. Departamento de Economia Rural, 2013. **Versão definitiva do levantamento da produção rural paranaense por município 2013.** Disponível em: <<http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/relmun2v.pdf>>. Acesso em: 30 de março de 2014.

SEBRAE/RS. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2003. **Diagnóstico da cadeia de valor de flores e plantas ornamentais do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/311567070DCEA48C032572170054A774/\\$File/NT000B578E.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/311567070DCEA48C032572170054A774/$File/NT000B578E.pdf)>. Acesso em 22 de dezembro de 2014.

SILVA, F.C.; LEITÃO, M.R.F.A. Extensão rural e floricultura tropical para o desenvolvimento local: a cooperação no processo de inclusão competitiva dos agricultores familiares em Pernambuco. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v.10, n.1, p.9-19, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1518-70122009000100002>>. Acesso em 10 de dezembro de 2014.

SILVA, M.S.; LOUREIRO, E.B.; GALDINO, L.K.A. 2011. **Evolução da floricultura no Estado de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/58.pdf>>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

URDAN, F.T.; URDAN, A.T. **Gestão do Composto de Marketing: Visão Integrada de Produto, Preço, Distribuição e Comunicação. Estratégias para Empresas Brasileiras**. São Paulo: Atlas, 2006. 352p.

VEILING HOLAMBRA. **Vantagens**. Disponível em: <<http://www.veiling.com.br/vantagens/>>. Acesso em: 05 de junho de 2015.

VIEIRA, A.A.V; SAMPAIO, G.R; SAMPAIO, Y.S.B. 2014. **Floricultura em Pernambuco: perspectivas de crescimento para 2020**. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/5/1173.pdf>>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

WEI, S.; JOYCE, D.; SAR, S.; BOAS-SINGOMAT, N., 2014. **Developing floricultural supply-chain strategies—Papua New Guinea case study**. Australian Centre for International Agricultural Research. Disponível em: <<http://aci-ar.gov.au/files/pr141/paper-7.html>>. Acesso em 20 de março de 2014.

## **CAPÍTULO 5. INFLUÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS NO DESENVOLVIMENTO DA FLORICULTURA NO PARANÁ**

### **RESUMO**

A presença de instituições públicas atuando sobre determinado setor do agronegócio pode influenciar seu desenvolvimento econômico e social, pois podem moldar as atitudes e definir comportamentos humanos, bem como criar diferentes tipos de economias e de empresas e atuar em áreas que estão além da capacidade da iniciativa privada. Um dos setores do agronegócio brasileiro que mais se desenvolveu na última década e que apresenta condições para diversificação agrícola, fixação do pequeno produtor ao campo e aumento de renda até mesmo em pequenas propriedades é o setor floricultura. Porém, o desenvolvimento ocorreu de forma desigual nos diversos estados brasileiros. Visando compreender o motivo desta desigualdade, bem como gerar dados que possam subsidiar planejamento de ações para o desenvolvimento deste setor, através de pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevista aos dirigentes de instituições públicas voltadas ao setor agropecuário, analisou-se a influência das instituições no desenvolvimento do setor produtivo de plantas ornamentais no Estado do Paraná. As instituições atuantes no Estado do Paraná apresentaram limitações orçamentárias, deficit de pessoal, inexistência de políticas específicas para o setor, carência de assistência técnica especializada, descontinuidade da pesquisa e um trabalho generalista, não contribuindo com seu desenvolvimento deste setor no Estado do Paraná.

Palavras chaves: Políticas públicas, instituições públicas, fomento, floricultura, plantas ornamentais.

## **CHAPTER 5. INFLUENCE OF PUBLIC INSTITUTIONS IN THE DEVELOPMENT OF FLOWER MARKET IN PARANÁ – BRAZIL**

### **ABSTRACT**

The presence of public institutions acting on certain agribusiness sector can influence its economic and social development, because they can shape the attitudes and define human behaviors and as well as create different kinds of economies and companies and they can work in areas which private institutions could obstacles. One of the agribusiness sectors that have most developed in the last decade and has shown conditions for agricultural diversification, allocating the small producer in the field and increasing income even in small properties is the floriculture sector or flower market. However, this development has happened unequally in different states of Brazil. Seeking to understand the reason for this inequality, as well as generate data that can support action planning to develop this sector, using literature research, document analysis and interview with the leaders of public institutions that work with the agricultural sector, this study analyzed the influence of the institutions in the development ornamental plants supply chain in Paraná State, Brazil. The institutions that operate in Paraná have shown budget limitation, staff deficit, lack of specific policies for the sector, there is no specialized technical assistance, research discontinuity and a generalist work, then they are not contributing to development of this sector in Paraná.

Key words: Public policies, public institutions, development, floriculture, ornamental plants.

## 5.1 INTRODUÇÃO

As diversas abordagens sobre instituições públicas as definem como um conjunto de normas valores e regras tanto formais quanto informais desenvolvidas por um povo, com capacidade de moldar seu comportamento. Em muitos casos tais normas, valores e regras são tutelados por organizações abrigadas por um espaço físico ou virtual com escopos de atuação específico regido por leis e regulamentos formalmente constituídos (CONCEIÇÃO, 2002), como, por exemplo, instituições de ensino, de pesquisa, instituições de cunho político, dentre outras.

A presença de instituições e suas interferências podem gerar conflitos e crises resultando em mudanças de atitudes e ações no grupo social atingido. Também podem, através de sua ação coletiva, manter a ordem e aumentar a eficiência tanto no crescimento econômico quanto na regulação e solução de conflitos (CONCEIÇÃO, 2002; DEQUECH, 2011).

Comprovadamente, as instituições foram às responsáveis pelo avanço econômico e social nos países desenvolvidos. (GATTO; LAGES, 2014). Seu papel na busca pelo desenvolvimento abrange a implementação de ações que resultem em efetiva mudança, uma vez que estas podem moldar as atitudes e definir comportamentos humanos, bem como criar diferentes tipos de economias e de empresas (CONCEIÇÃO, 2002; DEQUECH, 2011). As Instituições também detêm maior capacidade de desenvolver políticas favoráveis e de realização de determinadas atividades que estão além da capacidade de ação da iniciativa privada, uma vez que possuem legitimidade para tal (CARDOSO; TEIXEIRA, 2013).

Desta forma, detém papel decisivo, uma vez que dentro de um contexto de desenvolvimento sustentável, este logrará maior êxito se envolver ação coletiva entre esferas públicas, representadas pelas instituições, o setor empresarial e a sociedade. (JUNQUEIRA; LIMA, 2008).

Para que isso ocorra, instituições devem estar afinadas com as demandas dos mais diversos setores para desenvolverem com eficiência seu trabalho (JUNQUEIRA; LIMA,

2008; FREITAS; DIAS, 2012; SILVA *et al.*, 2014). No entanto, no Brasil, muitas vezes as ações desenvolvidas e políticas criadas não são suficientes para atender todas as demandas de setores específicos do agronegócio (MILANE, 2008; MAPA, 2009), dado suas peculiaridades. Estes setores acabam desamparados pelas instituições públicas, ficando à margem do raio de ação destas instituições (SILVA *et al.*, 2014), fato que pode influenciar seu desenvolvimento.

No setor agrícola, a floricultura tem se destacado por apresentar crescimento em torno de 8% ao ano, superior a outros segmentos, representando boa opção para diversificação agrícola e geração de renda em pequenas propriedades (BRASIL, 2007; JUNQUEIRA: PEETZ, 2008). No entanto, este crescimento apresenta-se bastante irregular nos diversos estados brasileiros (JUNQUEIRA: PEETZ, 2014), bem como ainda não há uma avaliação mais aprofundada no que se refere à influência das instituições no desenvolvimento deste setor.

Visando contribuir para melhor entendimento do papel das instituições no desenvolvimento do setor produtivo da Floricultura e como estas o influenciam, bem como gerar dados que possam subsidiar o planejamento de ações para seu desenvolvimento, apresenta-se resultado de pesquisa que visou: identificar as instituições públicas cuja área de atuação abrange o setor produtivo da floricultura; levantar a capacidade real de suporte destas instituições; identificar as atuais políticas públicas voltadas ao setor e apreender a percepção dos atores institucionais com relação a este segmento produtivo. Com base nestes resultados discute-se a influência das instituições no desenvolvimento do setor produtivo da floricultura no Estado do Paraná.

Neste Estado, o setor produtivo da floricultura apresenta-se pouco desenvolvido (SEAB-PR, 2013), apesar de ocupar a nono lugar em consumo per capita e sexto em valor de mercado no ranking nacional (SEBRAE, 2015), bem como condições de cultivo favoráveis e rendimento por hectare superior aos cultivos tradicionalmente praticados na região (BRASIL, 2007).

## **5.2 MATERIAL E MÉTODOS**

Através de revisão de literatura e análise documental identificaram-se as instituições que potencialmente podem intervir através de suas ações na cadeia de valor da floricultura, nas questões relacionadas à criação de políticas públicas, assistência técnica, comercialização, pesquisa e desenvolvimento.

Para levantar a capacidade real de suporte destas instituições, identificar as atuais políticas públicas voltadas ao setor e apreender a percepção dos atores institucionais, além da revisão de literatura e análise documental, realizou-se entrevista semiestruturadas (GIL, 2009), com os representantes institucionais ocupantes do quadro diretivo destas instituições. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2014 a fevereiro de 2015.

Durante as entrevistas os temas abordaram: a forma de atuação diante de políticas já estabelecidas; a política institucional com relação à floricultura; a ação das instituições perante as demandas específicas para o setor; de que forma as instituições são sensibilizadas; a perspectiva dos representantes das instituições com relação às políticas públicas e com relação à atividade do setor floricultura.

## **5.3 RESULTADOS.**

No Estado do Paraná, verificou-se existência de 18 instituições cujo escopo de atuação abrange o setor produtivo, sendo: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA); Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA); Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SEAB-PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-PR); Centrais de Abastecimento do Estado do Paraná (CEASA-PR); Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE); Dez instituições de ensino superior, atuantes em todas as regiões do Estado; Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR); e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). As áreas de atuação abrangem, respectivamente, a

comercialização, a difusão, o ensino, a pesquisa, a extensão, e o levantamento de dados e a política (Tabela 1).

Todas as instituições analisadas possuíam suporte físico e intelectual que as capacitavam a desenvolver ações contributivas ao desenvolvimento do setor floricultura em sua área de atuação. Porém, apresentavam limitações orçamentárias e deficit de pessoal. Desta forma, buscavam otimizar suas ações concentrando-as em áreas de maior abrangência possível, evitando setores específicos do agronegócio, principalmente os de baixa representatividade local.

Tabela 1 – Instituições existentes no Estado do Paraná e respectiva área de atuação

Instituição	Área de atuação					
	Comercialização	Difusão	Ensino	Extensão	Pesquisa	Política
CEASA-PR	X					
EMBRAPA					X	
EMATER-PR				X		
IAPAR					X	
Instituições de ensino superior (n=10)			X		X	
MAPA						X
SEAB-PR						X
SEBRAE-PR			X		X	
SENAR-PR			X			

Verificou-se a ocorrência de várias políticas e programas nacionais em que os floricultores poderiam se enquadrar, tais como: Programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar (PRONAF); Assistência técnica e extensão rural (ATER); Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Setor Agropecuário; Programa de Apoio ao Pequeno e Médio Produtor Agropecuário; Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais; Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (PRONAMP Investimento); Programa



de Desenvolvimento Econômico e Territorial: Renda e Cidadania no Campo (PRÓ RURAL) (BRASIL, 2008; MDA, 2013; BNDS, 2014). No entanto, não se registrou nenhuma política pública específica para o setor floricultura criada pela SEAB-PR (SEAB-PR, 2015).

De forma mais generalizada, verificou-se que os programas citados acima favoreciam o desenvolvimento através de disponibilização de capital, assistência técnica, fomento à infraestrutura no campo e diversificação produtiva. Esta generalização nas políticas e programas objetivava ampliar o atendimento alcançando o maior número de interessados, independentes do setor do agronegócio em que atuam.

Com relação à assistência técnica, verificou-se junto à EMATER-PR, acentuada deficiência de ações específicas de assistência técnica especializada em floricultura. No entanto, a política de ATER, estabelecida pelo governo federal possibilitará a contratação terceirizada de técnicos especialistas em áreas onde a EMATER apresenta carência de profissionais capacitados para prestação de assistência técnica. Tais profissionais poderão ser contratados quando houver demandas por grupos de produtores com número de solicitantes que atinja uma representatividade que justifique a contratação.

As ações realizadas pelas instituições atuantes na área de comercialização se resumiam na manutenção de espaço destinado ao mercado de flores junto à CEASA-PR. Verificou-se ocorrência de projetos em andamento como o planejamento de implantação de novo espaço para mercado das flores junto à CEASA-PR em Curitiba e nas cidades de Londrina e Maringá. Também verificou-se atuação do SEBRAE-PR no sentido de organização de seminários para discussão do setor e também no levantamento e publicação de dados que originaram o documento intitulado flores e Plantas Ornamentais do Brasil – Serie estudos Mercadológicos, publicados em 2015 (SEBRAE, 2015).

A área de ensino e pesquisa foi a que apresentou maior número de instituições com ações em andamento, voltadas para o setor floricultura. Ao todo, dez instituições de ensino desenvolviam ações, espalhadas por todo o Estado. Estas se concentravam basicamente em cursos voltados à formação profissional desenvolvidos em disciplinas específicas nos cursos de graduação em agronomia e pesquisas esporádicas desenvolvidas junto aos cursos de pós-graduação. Na área de ensino, registrou-se também a ação do SENAR-PR, desenvolvendo

cursos voltados à capacitação do produtor, realizados em vários municípios do Estado e também cursos de capacitação comercial e empreendedorismo realizados pelo SEBRAE/PR. Exclusivamente na área de pesquisa, verificou-se que o Instituto Agrônômico do Paraná e a EMBRAPA não desenvolviam na ocasião nenhuma pesquisa na área de floricultura.

Com relação às demandas pontuais não cobertas por programas e políticas já existentes, todas as instituições analisadas demonstraram interesse em prestar atendimento. As ações neste caso eram variadas, contemplavam principalmente o encaminhamento para órgãos competentes e o estudo da viabilidade de adaptações nas ações já desenvolvidas pela instituição. Em demandas com expressiva representatividade do setor produtivo havia possibilidade de encaminhamento de profissional ligado à instituição para desenvolver capacitação objetivando atendimento.

Todos os atores institucionais entrevistados demonstraram ciência de que há carência de políticas públicas institucionais específicas para a floricultura, bem como de que as políticas existentes não atendem satisfatoriamente o setor. Também demonstraram percepção de que o setor é promissor para o Paraná, porém apresenta-se sem a devida atenção e de certa forma desorganizado. Todos os atores entrevistados afirmaram que há necessidade de melhor atuação institucional para desenvolvimento deste setor, porém a carência de recursos financeiros somados à conjuntura política e a carência de mão de obra, impedem uma atuação mais efetiva para com o setor.

## 5.4 DISCUSSÃO

A representatividade de grupos é o que embasa o surgimento de instituições públicas e suas diferentes formas de ação (DEQUECH, 2011). Da mesma forma, a atuação destas instituições na criação e implementação de ações de fomento ao setor produtivo também são pautadas em representatividade de grupos, embasadas em suas demandas, e influenciadas pelo espaço geográfico onde tais grupos estão inseridos, preferencialmente sendo específicas para grupos específicos (GEHLEN, 2004; FREITAS *et al*, 2012; SILVA *et al*, 2014). Políticas

criadas pelas instituições, sem a participação efetiva dos membros aos quais se destina em sua criação, poderão resultar em inúmeros conflitos e até mesmo em fracasso total dos objetivos para qual foi criada (TUCKER; OSTROM, 2009).

Neste sentido, o Estado do Paraná possui diversas instituições públicas com capacidade e estrutura suficientes para contribuir com ações, visando fomentar o desenvolvimento do setor produtivo do agronegócio. Entretanto, o trabalho generalista e pouco integrado, desenvolvido por tais instituições acaba não abrangendo o setor produtivo da floricultura, que devido a suas demandas específicas, muitas vezes não se enquadram nas políticas e programas existentes, dificultando o acesso aos benefícios e conseqüentemente o seu desenvolvimento (BRASIL, 2007). Tais instituições demonstraram sensibilidade às necessidades específicas, uma vez que quando demandadas por grupos representativos locais, buscavam enquadrá-los em algum programa ou política já existente, sinalizando inclusive, para a possibilidade de criação de novas ações para atender a demanda de tal grupo. Mas não se verificou qualquer esforço no sentido de buscar informações sobre as demandas junto a estes grupos e a partir daí desenvolver ações específicas.

Dentro deste contexto, o sucesso nas reivindicações junto às instituições públicas no atendimento da demanda do setor floricultura, será mais significativo quanto maior for a representatividade do grupo, bem como quanto mais específica sua demanda. Este fato também se verifica em outros setores do agronegócio (FREITAS *et al*, 2012).

No caso do setor produtivo da floricultura, a representatividade necessária por parte dos grupos para reivindicar que as instituições desenvolvam ações locais, ou a criação de novas políticas de apoio é deficitária, devido à falta de união dos agentes desta cadeia de valor no Paraná, conforme evidenciado em MURARO *et al*. (2015). Desta forma, este setor não consegue motivar as instituições públicas a planejarem e implementarem ações específicas voltadas ao seu desenvolvimento. Tampouco, as instituições públicas têm papel relevante na liderança ou jo desenvolvimento desta cadeia de valor.

Sem representatividade as reivindicações acabam não atendidas. Mesmo sendo do conhecimento dos atores institucionais entrevistados, sobre a existência de demandas reprimidas de grupos específicos como a floricultura, estes acabam focando na realização das

diretrizes já traçadas. Isto se deve à carência de mão de obra e a limitação financeira que as levam a uma sobrecarga de trabalho restringindo-as basicamente ao atendimento das prioridades, fato recorrente no Brasil conforme relatado em Milani (2008) e em Freitas: Dias, (2012). Desta forma, resta pouca ou nenhuma autonomia para reformulações ou planejamento de novas ações necessárias ao enquadramento das necessidades locais do setor floricultura.

Soma-se a estes fatores o excesso burocrático, que muitas vezes limita a criação de políticas e realização de ações locais, bem como o acesso de produtores aos seus benefícios (MILANI, 2008), resultando em uma lacuna de ações que poderiam contribuir para desenvolvimento de setores produtivos específicos, como o da floricultura.

Neste contexto, cabe às instituições identificar os setores que representam oportunidade de crescimento e diversificação produtiva para o país, buscando formas inovativas para atender sua demanda, sem esperar reivindicações representativas para agir, visto que muitos destes setores ainda não possuem tal representatividade, como no caso da floricultura paranaense.

Dado que a atuação coletiva é a base para crescimento econômico (GATTO; LAGES, 2014), e que a falta de apoio institucional é um dos gargalos que impede o desenvolvimento de diversos setores produtivos, inclusive o da floricultura no Brasil (MILANI, 2008; JUNQUEIRA; LIMA, 2008; JUNQUEIRA: PEETZ, 20014), cabe aos agentes do setor produtivo, unirem-se. Desta forma, através de ações coletivas, podem melhor delinear suas necessidades específicas, a fim de direcionar suas reivindicações, de forma a ganhar mais força para que a atuação das instituições públicas se traduza em desenvolvimento setorial de fato.

## **5.5 CONSIDERAÇÕES**

A limitação orçamentária, deficit de pessoal, inexistência de políticas específicas para o setor, carência de assistência técnica especializada, descontinuidade da pesquisa e o trabalho generalista das instituições influencia o setor produtivo da floricultura, não contribuindo com

seu desenvolvimento uma vez que estas não desenvolvem ações de apoio em áreas específicas que vão além do alcance da iniciativa privada.

O desenvolvimento de ações específicas por parte das instituições é dependente de representatividade que determinado setor exerce. Desta forma, o setor floricultura precisa crescer em representatividade para reivindicar ações específicas das instituições públicas. Para isso se faz necessário a união dos agentes deste setor no Paraná.

## 5.6 REFERÊNCIAS

BNDS. Banco nacional de Desenvolvimento Social, 2014. **Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural - PRONAMP Investimento**. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Institucional/Apoio\\_Financeiro/Programas\\_e\\_Fundos/pronamp.html](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Apoio_Financeiro/Programas_e_Fundos/pronamp.html)>. Acesso em 09 fev. 2015.

BRASIL - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2007. **Cadeia produtiva de flores e mel** / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura ; Antônio Márcio Buainain e Mário Otávio Batalha (coordenadores). – Brasília : IICA : MAPA/SPA, 2007.140 p. (Agronegócios ; v. 9). Disponível em: <[http://www.iica.org.br/docs/cadeiasprodutivas/cadeia\\_de\\_valor\\_de\\_flores\\_e\\_mel.pdf](http://www.iica.org.br/docs/cadeiasprodutivas/cadeia_de_valor_de_flores_e_mel.pdf)>. Acesso em 10 janeiro de 2014.

BRASIL - Presidência da República, 2008. **Catálogo de programas do Governo Federal destinados aos Municípios**. Brasília: MP, 2008, 244p. Disponível em: <[http://www.planejamento.gov.br/secretarias/upload/Arquivos/seges/brasil\\_municipios/CPGF\\_01dez08.pdf](http://www.planejamento.gov.br/secretarias/upload/Arquivos/seges/brasil_municipios/CPGF_01dez08.pdf)>. Acesso em 9 fevereiro de 2015.

CARDOSO, D.F.; TEIXEIRA, E.C. A contribuição da política agrícola para o desenvolvimento do agronegócio nas macrorregiões brasileiras. **Revista de Economia e Agronegócio**, Viçosa, v.11, n.1, p.39-72. 2013. Disponível em: <[http://www.novoscursos.ufv.br/projetos/ufv/rea/www/wp-content/uploads/Artigo2\\_V11N1.pdf](http://www.novoscursos.ufv.br/projetos/ufv/rea/www/wp-content/uploads/Artigo2_V11N1.pdf)>. Acesso em: 02 fevereiro de 2015.

CONCEIÇÃO, O.A.C. O conceito de instituição nas modernas abordagens institucionais. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.119-146, 2002. Disponível em:<<http://hdl.handle.net/10183/23117>>. Acesso em: 21 de abril de 2015.

DEQUECH, D. Instituições e a relação entre a economia e sociologia. **Revista de Estudos Econômicos**, São Paulo, v.41, n.3, p.599-619, 2011. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-41612011000300005>>, Acesso em: 20 abril de 2015.

GATTO, D.B. e LAGES, A.M.G. Há contribuição do ambiente institucional na consolidação da cadeia de valor de biodiesel em Alagoas? **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.45, n.2, p.140-152, 2014. Disponível em: <[http://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd\\_artigo\\_ren=1442](http://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=1442)>. Acesso em 20 de maio de 2015.

GEHLEN, I. Políticas públicas e desenvolvimento social rural. **Perspectiva[online]**, São Paulo, v.18, n.2, p.95-103, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392004000200010>>. Acesso em 02 fevereiro de 2015.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009. 175p.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância socioeconômica recente. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.14, n.1, p.37-52, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v14i1.230>>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. O setor produtivo de flores e plantas ornamentais do Brasil, no período de 2008 a 2013: atualizações, balanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v.20, n.2, p.115-120, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v20i2.727>>, Acesso em 20 de novembro de 2014.

JUNQUEIRA, C.P.; LIMA, J.F. Políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 29, n. 2, p. 159-176. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2008v29n2p159>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

MAPA – Ministério da Agricultura e Pecuária, 2009. **Cooperativismo de gênero**. Disponível em: <[http://www.agricultura.gov.br/arq\\_editor/file/Cooperativismo%20e%20Associativismo/Publica%C3%A7%C3%B5es%20e%20M%C3%Addias/Cooperativismo%20de%20G%C3%Aanero.pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Cooperativismo%20e%20Associativismo/Publica%C3%A7%C3%B5es%20e%20M%C3%Addias/Cooperativismo%20de%20G%C3%Aanero.pdf)> Acesso em 10 de maio de 2013.

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013. **Políticas públicas para agricultura familiar**. Disponível em: <[http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/ceazinepdf/politicas\\_publicas\\_baixa.pdf](http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/ceazinepdf/politicas_publicas_baixa.pdf)>. Acesso em 22 janeiro de 2015.

MILANI, C.R.S. O princípio da participação social na gestão de políticas públicas locais: uma análise de experiências latino-americanas e Europeias. **Revista de Administração Pública [online]**, Rio de Janeiro, v.42, n.3, p.551-579. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122008000300006>>. Acesso em 20 fevereiro de 2015.

MITSUEDA, N.C; DA COSTA, E.V; D'OLIVEIRA, P.S. Aspectos ambientais do

agronegócio flores e plantas ornamentais. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, Maringá, v.4, n.1, p.9-20. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/rama/article/view/617/1183>>. Acesso em 20 de mar. de 2015.

TUCKER, C.M. e OSTROM, E. **Pesquisa multi disciplinar relacionando instituições e transformações florestais**. (p. 110-138) In: Ecosistemas florestas: interação homem-ambiente. Organização Emilio F. Moran e Elinor Ostrom. Tradução de Diógenes S. Alves e Mateus Batistela. São Paulo, editora Senac São Paulo, Edusp, 2009, 544p.

SILVA, M.S.; LOUREIRO, E.B.; GALDINO, L.K.A. 2011. **Evolução da floricultura no Estado de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/58.pdf>>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

FREITAS, A.F.; DIAS, M.M. Mudanças conceituais do desenvolvimento rural e suas influências nas políticas públicas. **Revista de Administração Pública[online]**, Rio de Janeiro, v.46, n.6, p.1575-1597, 2012. Disponível em: <>. Acesso em 10 de dezembro de 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122012000600008>

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agronegócio floricultura no Paraná, representa boa oportunidade como atividade agrícola, pois apresenta demanda crescente e condições produtivas favoráveis com relação ao solo e clima. Porém, apenas estes fatores não foram suficientes para o desenvolvimento de um polo produtivo expressivo neste Estado, dado que foram identificados diversos outros fatores interferindo de diferentes maneiras e sobrepujando os fatores favoráveis, que impediram que esta cadeia se desenvolvesse a ponto de suprir, no mínimo, a própria demanda do Estado.

A origem destes fatores encontra-se enraizada nas ações de cada um dos agentes envolvidos nesta cadeia de valor, que por sua vez deriva de condicionantes como: o desconhecimento do setor, a falta de visão deste como uma cadeia de valor, o despreparo técnico para produção, administração e comercialização, a falta de pro atividade no sentido de buscar melhorias e o déficit institucional no apoio e fomento deste setor.

Estes condicionantes acabam por gerar fatores como: a falta de uma adequada gestão da comercialização, deficiência geral de informações sobre o setor, falta de articulação e associativismo e o individualismo dos agentes, sendo estes os principais fatores identificados, incapacitando o setor de se desenvolver e de buscar ações para melhoria da cadeia.

Estes fatores demonstram que a floricultura no Paraná não possui governança por nenhum dos seus setores, no sentido de estruturá-la em uma cadeia de valor local, que possa coordenar e orientar o setor produtivo, comercial, de serviços, bem como agregar os agentes buscando alcançar representatividade suficiente para justificar a movimentação das instituições públicas no atendimento de reivindicações de melhorias para o setor.

Associado a estes fatores ocorre ainda à influência de outros polos produtivos mais desenvolvidos, localizados em outros estados, Principalmente no Estado de São Paulo, cuja estruturação e organização, interferem diretamente na organização e estruturação da cadeia de valor da floricultura no Paraná. A floricultura paranaense, muitas vezes, funciona apenas como mais um componente da cadeia de valor organizada nestes outros Estados, dado que compõe a clientela, tanto de insumos usados por produtores paranaenses, quanto de plantas



para suprir a demanda local, ambos, em sua maior parte, proveniente de empresas ligadas à cadeia de valor destes Estados.

Além de todos estes fatores condicionantes, é necessário um estudo mais aprofundado relativo à adequação do produtor ao sistema produtivo da floricultura, bem como sua tradição no cultivo de ornamentais. Uma vez que a tendência é a migração dos produtores oriundos de outros setores, atraído pela lucratividade da floricultura. Há que se considerar que muitas vezes, estes produtores não se adaptam ao sistema intensivo de trabalho e pontualidade produtiva exigidos pela floricultura. Desta forma ocorre excesso produtivo em determinados momentos por ocasião da entrada de novos produtores atraídos pela lucratividade e lacunas de oferta em outros momentos, dado a saída do setor por produtores que não se adequaram ao sistema. Esta falta de adequação, gera uma entrada e saída de produtores, prejudicando a cadeia de valor, uma vez que a maioria destes não criam nenhum compromisso de longo prazo, bem como interfere nos preços e na lucratividade, dado o aumento da oferta e concorrência.

Este fato interfere também no vínculo com o segmento comercial desta cadeia. Uma vez que ocorre tal oscilação produtiva, associado ao fato de não existir nenhuma central de distribuição no Paraná, que possa regular essa variação na oferta de produtos e suprir satisfatoriamente o mix de produtos demandado pelo setor comercial, seus representantes buscam suprimentos onde tem a certeza de encontrá-los. Desta forma, acabam preterindo novos polos produtivos ou produtores mais recentes em função dos polos já consolidados.

Todos estes fatores se tornam entraves ao desenvolvimento e demonstram que a cadeia de valor da floricultura no Estado do Paraná, apesar de algumas condições favoráveis ao desenvolvimento não está consolidada, enfrentando muitos outros problemas de difícil solução. A estruturação de uma cadeia de valor pode ocorrer de diversas maneiras, sendo que a governança desta cadeia pode se dar por empresas do setor produtivo, empresas do setor comercial, através do cooperativismo ou associativismo entre produtores, através das instituições públicas e até mesmo através de parceiras entre o setor público e privado. Caso não ocorra a estruturação desta cadeia no Paraná, a produção continuará mantendo baixos

índices de crescimento e o setor continuará dependente de importação de produtos de outros polos produtivos já consolidados.

## **7. RECOMENDAÇÕES**

Para alavancar o desenvolvimento do setor produtivo no Paraná é preciso mudança de comportamento de todos os agentes envolvidos na cadeia no sentido de desenvolver ações inerentes a seu próprio setor, de forma que:

Ao setor produtivo cabe melhorar sua capacidade de organização e cooperação, aumentando sua representatividade e ganhando força para solucionar problemas de carência de assistência técnica, que garanta produção de qualidade, reivindicar melhores políticas de apoio, gerar atratividade para empresas de insumos e criar centrais de distribuição que possam solucionar os problemas relativos a comercialização e distribuição. Cabe a este setor também a iniciativa de estimular as instituições de pesquisa no sentido de estudo, desenvolvimento e introdução de novas espécies da flora local que representem inovação e exclusividade no fornecimento, melhorando a competitividade deste setor.

Ao setor comercial, cabe melhorar a gestão da comercialização, buscando cursos e treinamentos gerenciais junto à instituições especializadas, a fim de gerar novas estratégias de comercialização, e também gerar informações mais precisas que possam subsidiar o planejamento produtivo local, aumentar sua interação com o setor produtivo repassando informações, bem como buscar desenvolver ações que possam aumentar o consumo. Aos profissionais do setor de paisagismo, se faz necessário manter a seriedade do seu trabalho influenciando o consumidor. Assim como o setor comercial, também necessitam aumentar a interação com os produtores. Tal interação, além de melhorar o repasse de informações, pode gerar o desenvolvimento de parcerias para o desenvolvimento e introdução de novas espécies para paisagismo, preferencialmente de origem local.

Ao setor institucional público cabe o entendimento de que o setor é relevante para o Estado, porém é desunido. Desta forma não atinge representatividade suficiente para

mobilizar tais instituições a desenvolverem ações que possam fomentar seu desenvolvimento. Cabe a estas instituições, inovar através do desenvolvimento de ações integradas baseadas na importância do desenvolvimento deste setor para o Estado e não apenas agir da maneira tradicional e isolada, aguardando reivindicações representativas. Neste sentido estas devem agir no buscando melhorar a assistência técnica, fomentar a criação de linhas de crédito específicas para o setor, fomentar e coordenar o associativismo entre os agentes, fomentar a criação de espaços para comercialização e divulgação, tais como feiras e exposições, desenvolver mais pesquisa para introdução de novas espécies e fomentar o desenvolvimento de liderança do setor.

Por fim, o setor conjuntamente necessita compreender as vantagens de atuação em conjunto, acreditando que é possível desenvolver o associativismo e através deste a governança do setor. Desta forma, poderá planejar ações conjuntas que poderão potencializar as ações individuais, melhorar o aproveitamento dos fatores favoráveis já existentes, Gerar novos fatores favoráveis e alavancar o desenvolvimento este setor no Paraná.

## REFERÊNCIAS

BRASIL - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2007. [Cadeia de valor de flores e mel / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura ; Antônio Márcio Buainain e Mário Otávio Batalha \(coordenadores\). – Brasília : IICA : MAPA/SPA, 2007.140 p. \(Agronegócios ; v. 9\). Disponível em: <\[http://www.iica.org.br/docs/cadeiasprodutivas/cadeia de valor de flores e mel.pdf\]\(http://www.iica.org.br/docs/cadeiasprodutivas/cadeia%20de%20valor%20de%20flores%20e%20mel.pdf\)>. Acesso em 10 janeiro de 2014.](#)

CERATTI, M.; PAIVA, P.D.O.; SOUSA, M.; TAVARES. T.S. Comercialização de flores e plantas ornamentais no segmento varejista no município de Lavras/MG. **Ciência e Agrotecnologia**, Lavras, v.31, n.4, p.1212-1218, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-70542007000400040>>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

CORRÊA, P.R.; PAIVA, P.D.O. O Agronegócio da floricultura brasileira. **Magistra**, Cruz das Almas, v.21, n.4, p.253-261, 2009.

FURLANETTO, E.L.; CÂNDIDO, G.A. Metodologia para estruturação de cadeias de suprimentos no agronegócio: um estudo exploratório. **Revista Brasileira Engenharia agrícola Ambiental**, Campina Grande, v.10, n.3, p.772-777, jul./set. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-43662006000300034>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

HORTIWISE, 2012. **A Study on the Kenyan-Dutch Horticultural Supply Chain**. The Dutch Ministry of Economic Affairs, Agriculture & Innovation The Netherlands, May 2012. Disponível em: <[http://www.kenyaflowercouncil.org/pdf/Study%20on%20the%20Kenyan-Dutch%20Horticultural%20Supply%20Chain%20\(3\).pdf](http://www.kenyaflowercouncil.org/pdf/Study%20on%20the%20Kenyan-Dutch%20Horticultural%20Supply%20Chain%20(3).pdf)>. Acesso em 16 de novembro de 2014.

IBRAFLOR - Instituto Brasileiro de Floricultura, 2014. **Números do Setor**. Disponível em: <[http://www.IBRAFLOR.com/ns\\_mer\\_interno.php](http://www.IBRAFLOR.com/ns_mer_interno.php)>. Acesso em: 30 de abril de 2014.

JÚNIOR; B.A.; FERRAZ, A.C. Método de identificação no grau de gestão nas atividades de produção de flores de corte. **Horticultura Brasileira**, Campinas, v.30, n.3, p. 531-538, set. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-05362012000300029>>. Acesso em: 10 janeiro de 2015.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância socioeconômica recente. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.14, n.1, p.37-52, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v14i1.230>>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M.S. O setor produtivo de flores e plantas ornamentais do Brasil, no período de 2008 a 2013: atualizações, balanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.20, n.2, p.115-120, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v20i2.727>>, Acesso em 20 de novembro de 2014.

KIYUNA, I.; FRANCISCO, V.L.F.S.; COELHO, P.J.;CASER, D.V.;R.; ÂNGELO, J.A. Floricultura brasileira no início do século xxi: o perfil do produtor. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.34, n.4, p. 14-32. 2004. disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/OUT/publicacoes/pdf/tec2-0404.pdf>>. Acesso em 21 de novembro de 2014.

LAWS, N., 2007. **A Value Chain Assessment of the Tropical Floriculture Sector in Indonesia**. Disponível em: <[http://pdf.usaid.gov/pdf\\_docs/pnaeb614.pdf](http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/pnaeb614.pdf)>. Acesso em 9 de novembro de 2014.

MITSUEDA, N.C; DA COSTA, E.V; D'OLIVEIRA, P.S. Aspectos ambientais do agronegócio flores e plantas ornamentais. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, Maringá, v.4, n.1, p.9-20. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/rama/article/view/617/1183>>. Acesso em 20 de mar. de 2015.

NABSO, 2008. Overwiel of the floricultural sector in Greater China, Vietnan and Thailand. Disponível

em: <<http://nabsokunming.nlmission.org/binaries/content/assets/postenweb/c/china/kunming/reports/overview-of-the-the-floricultural-sector-in-china-vietnam-and-thailand.pdf>>. Acesso em 20/11/2014.

OLIVEIRA, J.M.S.R.; GRZYBOVSKI, D.; SANTOS, A.C. Estratégia de competitividade do mercado de flores e plantas ornamentais: um estudo multifocal. **Conexão Ciência**, Formiga, v.6, n.2, p.144-164, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uniformg.edu.br:21011/periodicos/index.php/testeconexaociencia/article/view/94>>. Acesso em 20 de março de 2015.

ROMERO, D.H.S.; RESTREPO, I.M.E. Perfil competitivo local como factor determinante para el desarrollo de la floricultura em Madrid (Cundinamarca). **Investigación e reflexión**, Bogotá, v.19, n.2, p.25-43. 2011. disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/8180/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

SEAB-PR - Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento. Departamento de Economia Rural, 2013. **Versão definitiva do levantamento da produção rural paranaense por município 2013.** Disponível em: <<http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/relmun2v.pdf>>. Acesso em: 30 de março de 2014.

**ANEXO 1 - Caracterização do perfil do produtor de ornamentais nas regiões de Curitiba e Litoral do Paraná.**

Caracterização	Região		Caracterização	Região		Caracterização	Região	
Renda aprox. (mil/ano)	%* C	%**L	Nº de filhos	%C	%L	Idade/anos	% C	%L
20-50	45	55	0	15	33	20-30	20	11
51-100	35	30	1	30	11	31-40	10	22
101-200	15	10	2	45	45	41-50	55	22
201-500	5	5	3	10		>51	25	33
>500	10	0	4	5	11			
Escolaridade	%C	%M	Assistência Técnica			Origem		
Superior	35	22	Particular	65	22	Local	75	45
Médio	15	33	Pública	0	22	Outra	30	55
Fundamental	50	45	Nenhuma	35	56			
Principal fonte de renda			Estado civil			Atuação familiar		
Cultivo de ornamentais	75	78	Casado	95	78	Filhos na propriedade	55	71
Cultivo de ornamentais/ Outras	20	22	Solteiro	5	22	Participação da mulher na produção	60	22

(\*C= Região de Curitiba e RMC, (N=20); \*\*L= Região litorânea. (N=09)). (Fonte – pesquisa de campo, 2014)

**ANEXO 2 - Caracterização da propriedade utilizada para cultivo de ornamentais em diferentes localidades no Paraná.**

Caracter	Região		Caracter	Região		Caracter	Região	
Situação legal e imobiliária	%*C	%**L	Área com ornamentais cultivado em estufas (mil M <sup>2</sup> )	%C	%L	Produção atual	%C	%L
Cadastro rural	65	67	1 a 6	40	11	Ornamentais	75	100
CNPJ	35	33	> 6	10	0	Ornamentais + Outras	25	00
			Área com ornamentais cultivado a campo (hectares)			Produção em Estufas	45	11
Posse	10	56						
Escritura	90	44	1 a 5	0	67	Produção a Campo	55	88
Arrendada	10	10	>5	50	22	Espécies cultivadas		
						Caixarias e vasos	45	11
Própria	90	90	Mão de obra familiar/unidade produtiva			Arbustivas	55	88
Culturas anteriores			1 a 3	70	88	Tempo de produção (anos)		
Fumo	20	0	3 a 6	25	11	<10	40	33
Olericultura	20	22	Mão de obra registrado/unidade produtiva	55	44	11-20	45	33
						21-30	10	11
Ornamentais	15	78	Mão de obra diarista eventual/área produtiva	85	44	>30	5	22

(\*C= Região de Curitiba e RMC, (N=20); \*\*L= Região litorânea. (N=09)). (Fonte – pesquisa de campo, 2014)(Fonte – pesquisa de campo, 2014)

**ANEXO 3 - principais espécies produzidas nas regiões de Curitiba e litora do Paraná.**

Nome comum	Nome científico	Região
Amor perfeito	<i>Viola x wittrockiana</i> Gams	*C
Areca	<i>Dyopsis lutencens</i> Beentje & Dransf.	**L
Azaleia	<i>Rhoidodendron indicum</i> (L.) Sweet; <i>Rhododendron japonicum</i> Sur <i>Rhododendron atlanticum</i> (Ashe) Rehder	C
Bouganvílea	<i>Bouganvillea glabra</i> Choisy; <i>Bouganvillea graciflora</i> Heimerl <i>Bouganvillea spectabilis</i> wild	C/L
Buxinho	<i>Buxus sempervirens</i> L.	C
Cica	<i>Cycas revoluta</i> Thumb.	C
Dracena	<i>Dracena marginata</i> Hort.	C/L
Fênix	<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien	L
Fórmio	<i>Phormium tenax</i> J.R. Forst & G. Forst.	C
Gerâneos	<i>Pelargonium</i> L'Her; <i>Pelargonium odoratissimum</i> (L) L'Her	C
Grama amendoim	<i>Arachis repens</i> handro	C
Impatiens	<i>Impatiens walleriana</i> Hook	C
Liriopes	<i>Ophiopogon jaburan</i> Lodd.	L
Moreia	<i>Dietes bicolor</i> Sweet ex G. Don; <i>Dietes iridioides</i> (L.) Sweet ex Klatt	C/L
Rafis	<i>Raphis excelsa</i> A. Henry	L
Traquicarpus	<i>Trachycarpus fortunei</i> H. Wendl	C

(\*C= Região de Curitiba e RMC, (N=20); \*\*L= Região litorânea. (N=09)). (Fonte – pesquisa de campo, 2014). (TRÓPICOS, 2014)1. INTRODUÇÃO GERAL